

Marinez de Oliveira Braz (Jaçanã Pataxó)

**O povo Pataxó e as lutas do Cacique Guarú por nossos direitos.
Iõ Hãhãhã Pataxó ũg iēp ikhã Txó Akâyéko Guarú Pataxó ikô
kahnētú txihã**

Belo Horizonte – MG

2022

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Marinez de Oliveira Braz (Jaçanã Pataxó)

**O povo Pataxó e as lutas do Cacique Guarú por nossos direitos.
Iõ Hãhãhã Pataxó ũg iëp ikhã Txó Akâyéko Guarú Pataxó ikô kahnētú
txihã**

Percorso Acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila de Oliveira Coutinho

Coorientador: Prof. Dr. Pedro Rocha

Belo Horizonte - MG

2022

Percurso acadêmico intitulado O povo Pataxó e as lutas do Cacique Guaru por nossos direitos. Iõ Hãhãhã Pataxó ūg iēp ikhã Txó Akâyéko Guaru Pataxó ikô kahnētú txihã, de autoria de Marinez de Oliveira Braz, para ser avaliado pela banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

Profª. Dra. Priscila de Oliveira Coutinho – Orientadora

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof. Dr. Pedro Rocha – Coorientador

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Coorientador

Cacique Oziel Santana (Guaru Pataxó)

Cacique da Aldeia Pé do Monte

Profª. Drª. Ilaine da Silva Campos

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao nosso grande criador Niamisũ, Siratã, Tupã e aos nossos Naô Xôhã por me dar saúde e me guiar nessa caminhada, e por conseguir concluir os meus objetivos.

Agradeço aos meus pais Altenides e Sonia Aparecida pela força, apoio e incentivo que me deram para eu continuar, e principalmente por cuidarem de minhas filhas quando eu ia estudar.

Ao meu esposo Tohõ Pataxó, e às minhas duas filhas Jacian e Ynamanyã, que sempre quando ia viajar cortava o meu coração deixá-los.

Aos meus irmãos, que sempre me ajudaram, e estavam ao meu lado nos momentos difíceis, especialmente a Poytãg Pataxó que foi comigo no primeiro módulo em BH para cuidar da minha filha.

Quero agradecer às minhas primas Dária, Josi e Ruriana, que estavam comigo, me dando força, quando estávamos nos módulos em BH.

Aos professores e bolsistas do FIEI, que sempre estavam prontos para nos ajudar, principalmente ao bolsista Genilson, que já não me aguentava mais de tantas mensagens de pedido de ajuda aos sábados e domingos.

Também quero agradecer de coração aos meus orientadores Pedro Rocha e Priscila Coutinho pela paciência e dedicação em me orientar nesse percurso.

Agradeço também aos meus parentes Pataxó, que estavam ali para ajudar uns aos outros nos momentos difíceis em nossas caminhadas.

E é claro que não posso deixar de voltar a agradecer de coração ao cacique Guaru Pataxó, por estar junto comigo nessa minha caminhada.

Agradeço aos meus entrevistados: Tohõ Pataxó, Tarugo Pataxó, Poytãg Pataxó, Amip Pataxó e Ikhã Pataxó. Awêry guerreiros.

Meus agradecimentos também à UFMG, por abrir as portas para nós, indígenas, e por nos receber com esse grande respeito, carinho e dedicação.

Awêry meus Parentes e Awêry UFMG....

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo contar a história, luta e sofrimento do Cacique Oziel Santana Ferreira, conhecido como Guarú Pataxó, líder da aldeia Pé do Monte, Porto Seguro/BA. Para isso, dou destaque a eventos que considero fundamentais para a compreensão desta biografia, como a luta pela retomada do nosso território de origem, o Monte Pascoal, lugar sagrado para o Povo Pataxó, lugar de origem dos nossos anciãos, do qual foram expulsos e onde foram massacrados por pessoas ambiciosas. A pesquisa se baseou no meu próprio olhar, já que sempre observei a luta constante desse guerreiro em busca de nossos direitos, e em alguns depoimentos do próprio cacique e de parentes que conhecem a sua luta por melhorias para sua comunidade. Essa pesquisa servirá para que as futuras gerações conheçam as histórias, lutas, sofrimentos e conquistas de nossos líderes, os caciques de nossas comunidades, que muitas vezes não são por elas valorizados. Com esse trabalho acredito estar documentando também as lutas que nossos antepassados enfrentaram para não perderem nosso território. Acredito que juntos - lideranças, caciques e comunidade - precisamos continuar lutando pelo nosso território “porque um povo sem território é igual o passarinho sem a floresta”. Precisamos continuar e honrar as lutas de nossos anciãos.

Palavras-chave: Cacique; Território; Pataxó

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cacique Guaru Pataxó	11
Figura 2 - Cacique Guaru juntamente com seu pai guerreiro o Sr. Manoel Santana e seu irmão Josias.	11
Figura 3 - Mapa da aldeia Pé do Monte. 2017, alunos 9º ano.....	28
Figura 4 - Aldeia Pé do Monte.	29
Figura 5 - Aldeia Pé do monte, espaço onde localiza a escola, campo de futebol, Igreja e o poço artesiano.	29
Figura 6 - Cacique Guaru juntamente com outros Parentes em Brasília, na luta pelo nosso Território.	32
Figura 7 - Movimento na BR 101 em defesas de nosso território e a participação do cacique Guaru..	32
Figura 8 - Cacique Guaru na preparação do incenso com ervas medicinais, para proteção na luta.....	32
Figura 9 - Centro de visitante. A primeira escola de nossa aldeia.	34
Figura 10 - Atual escola da Aldeia Pé do Monte.	35
Figura 11 - Cacique Guaru juntamente com alunos e lideranças.	35
Figura 12 - A escola e as duas salinhas que com muita luta e cobranças estão prontas.....	36
Figura 13 - Casa do Poço Artesiano que abastece a comunidade.	39
Figura 14 - Momento de nosso encontro Kãdawê Nuhatê Pataxó. Fonte: Tohõ Pataxó. (18/08/2022)	40
Figura 15 - Parentes Pataxó no fortalecimento da cultura Pataxó, Kãdawê Nuhatê. Fonte: Tarugo Pataxó. (18/08/2022).....	41
Figura 16 - Momento histórico do nosso encontro do Kãdawê Nuhatê, em cima do nosso Monumento de Resistência. Fonte: Tarugo Pataxó. (19/08/2022)	41
Figura 17 - Cacique Guaru Pataxó juntamente com uma apoiadora da nossa causa na apresentação de um projeto de sustentabilidade no Kãdawê Nuhatê. Fonte: Tarugo Pataxó.(19/08/2022)	41

ÍNDICE

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	2
Lista de Figuras	3
Índice.....	4
1. Introdução.....	5
1.1. Contando um pouco da minha história.....	5
1.2. Quem é o Cacique Guarú?	9
2. O Povo Pataxó.....	12
2.1. A criação do Parque Nacional do Monte Pascoal e o sofrimento do Povo Pataxó.	13
2.2. O fogo de 51.....	16
3. A Retomada do Monte Pascoal e a participação do Cacique Guarú.	18
4. A importância do cacique dentro de uma comunidade indígena.....	26
4.1. A aldeia Pé do Monte.....	27
4.2. A luta e a conquista do cacique Guarú pelos nossos direitos e pela permanência em nosso Território	30
4.3. Escola.....	33
4.4. Saúde Indígena	36
4.5. Energia elétrica e MIÁGA (água) de qualidade.....	38
4.6. Festa de Resistência e Luta Pataxó: Kãdawê Nuhatê Pataxó.....	39
5. Considerações finais.....	42
Referência bibliográficas:	44
Anexos.....	45
Documento de reivindicações	45
Alguns depoimentos sobre o Cacique Guarú Pataxó:	48

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo registrar a história, luta e resistência do cacique Oziel Santana Ferreira, conhecido como Guarú Pataxó, pelos nossos direitos, com destaque para a sua atuação na Aldeia Pé do Monte Porto Seguro/BA. Nesta introdução, eu conto um pouco da minha história e de como cheguei a este tema. Em seguida eu passo a contar um pouco de quem é o Cacique Guarú. No capítulo dois, me debruço sobre a luta do Povo Pataxó ao longo dos últimos séculos, evidenciando os acontecimentos mais recentes, dos séculos XX e XXI, principalmente relacionados à demarcação do Parque Nacional do Monte Pascoal e sua posterior retomada pelo povo Pataxó, destacando o massacre conhecido como “Fogo de 51”. No capítulo 3, escrevo sobre a importância do cacique para a comunidade, e procuro focar na atividade do cacique Guarú Pataxó na Aldeia Pé do Monte. Procuro retratar a trajetória desse grande líder, destacando sua atuação, junto de outras lideranças, nos difíceis e intermináveis processos de reivindicação pela escola, saúde, água de qualidade e preservação da cultura e língua Pataxó, além, é claro, da incansável luta pelo nosso território de origem ancestral. Finalizo retomando os objetivos da pesquisa que resultou neste texto, e destaco as dificuldades dos últimos anos, em que direitos e vidas indígenas têm sido intensa e reiteradamente atacados e exterminados. Aproveito para, nas considerações finais, registrar uma mensagem do Cacique Guarú Pataxó para o seu povo. Na seção de anexos, inclui um dos muitos documentos encaminhados pelo Cacique, cobrando atendimento médico, posto de saúde, poços artesianos e outras necessidades. Por último, ainda na seção de anexos, há um conjunto de depoimentos sobre o Cacique Guarú Pataxó.

1.1. Contando um pouco da minha história

Eu Sou Marinez de Oliveira Braz (Jaçanã Pataxó), que é um pássaro. Nasci no dia 25 de novembro de 1991, na aldeia Indígena Boca da Mata, município de Porto Seguro- BA, no Território Indígena Barra Velha. Meus pais se chamam Altenides Braz e Sonia Aparecida de Oliveira, e tenho 9 irmãos são eles Elizete, Abelha, Josiane, Francisco, Jussiará, André, Jandaira, Jilcimar e Inarawã.

Com 5 anos comecei a estudar na primeira série e fui vendo o sofrimento e a luta de nosso povo, principalmente pelo meio de sobrevivência, que era muito difícil, pois, segundo as histórias que eu ouvia de nossos anciãos, a situação ficou ruim desde 1961, quando ocorreu a demarcação do Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal. Era ali que nossos povos viviam e sobreviviam, em harmonia com nossa mãe natureza, pois ela nos oferecia tudo.

Quando minha família morava na aldeia Boca da Mata, o meio de sobrevivência era muito difícil, porque quase sempre nós não tínhamos o que comer, pois o que meu pai conseguia era quando ele ia para a floresta em busca de algumas árvores caídas, piaçava ou das caças pegadas pelas armadilhas. Outras vezes, íamos no mangue em busca de alguns mariscos. Além disso, com as madeiras mortas, já caídas, ele confeccionava colher de pau para trocar por alimentos. Em questão de caça e pesca era difícil

também, pois os rios de perto da aldeia, tinha vezes que davam peixe, mas tinha vezes que não, e caças só caíam nas armadilhas quando a nossa mãe da mata nos dava. Meu avô quem me contava essas histórias e tenho muito respeito em falar delas neste texto.

Quando nossos pais iam para a floresta não podiam demorar muito, e não podiam ir sozinhos, porque se os guardas do Parque encontrassem na mata do Parque caçando ou pegando madeira, eles batiam ou prendiam. Às vezes o que arrumavam só dava para comprar um pouco de farinha e umas piabas, mas, mesmo assim, nós éramos felizes. Nós indígenas temos um ditado muito popular: “Pouco com Deus é muito, e muito sem Deus é nada”, então nós sempre agradecíamos ao nosso grande Niamisũ por ter o que comer naquele dia. Com esses sofrimentos e com a perda de nosso território, não tinha espaço para fazer roça, porque o pedaço que era demarcado não era suficiente para fazer plantação. Com esses sofrimentos íamos levando a vida de PATAXÓ, conhecido como um povo feliz.

O Conselho de Caciques, Caciques, lideranças e comunidades viam o sofrimento de nosso povo com a falta de seu território e dos espaços onde nosso povo também tirava seu sustento, que eram o mangue, onde tirava seu marisco, e a floresta, onde é seu espaço sagrado, e onde também nos oferecia os alimentos de nossa tradição, as raízes e nossa medicina que nossa mãe natureza nos proporciona. Foi então que nossos líderes resolveram fazer uma reunião nos dias 16, 17 e 18 de agosto do ano de 1999, e essa reunião durou três dias e nessa assembleia resolveram retomar o Monte Pascoal.

No outro dia, que era o dia 19, onde nessa época eu tinha nove anos de idade, eu me lembro muito bem quando meu pai chegou em casa logo após o término da reunião e disse: “Nós vamos amanhã retomar o Monte Pascoal do IBAMA”. Então minha mãe disse que ela não vinha porque estava com meus outros irmãos pequenos, de colo, e era muito perigoso. Nós já tínhamos ouvido de nossos parentes uma história de que já tinha acontecido uma primeira tentativa de retomada do nosso Monte Pascoal, Terra Sagrada Pataxó, mas, segundo as histórias de nossos anciãos, não foi possível retomar, porque nosso povo foi enganado e traído. Quando eles chegaram, tinham muito policiais já esperando, então nosso povo recuou para não derramar mais sangue. Minha mãe, sabendo dessa história, não quis ir.

Quando deu umas 2 horas da manhã, meu pai saiu com minha irmã mais velha, que se chama Abelha, eu mais meus três irmãos ficamos mais minha mãe. Logo depois de uns 5 dias, meu pai e meu tio mandaram minha irmã e minhas primas buscarem minha mãe e minha tia, pois um ônibus ia buscar quem quisesse vir para a retomada do Monte Pascoal.

Nós viemos, viajamos por mais de 5 horas de relógio, e eu sempre ansiosa para chegar nesse Monte Pascoal, pois as histórias que ouvimos falar era de que ele era muito bonito, principalmente sobre a pedra do Monte Pascoal, pois falavam que era linda. E chegando aqui era isso mesmo: o Monte Pascoal, a subida, as vistas: era tudo bonito. Mas o que era difícil era encontrar o lugar para dormir, pois as casas que tinham na época já estavam todas ocupadas com os outros parentes, até porque eram mais de 500 indígenas na luta pela retomada do território de origem. Mas as outras atividades fazíamos juntos, principalmente o mǎgutí (comida), que era preparado para todos. Mas lugar de dormir não tinha, e meu pai então resolveu ficar em um lugar que se chama guarita, onde hoje é a recepção do Parque. Quando

chovia molhava tudo, e eu vendo e passando junto também com nossos parentes o sofrimento e a luta de um povo guerreiro que nunca desiste da luta.

Logo depois de uns 2 meses, meu pai fez uma barraca de lona e palha, e fomos passando a vida ali. Depois de uns 8 meses, muitas famílias voltaram para suas aldeias. Foram ficando só umas 30 famílias, e como tinha umas casinhas, as famílias que ficaram resolveram ocupar, mas meu pai continuou na barraquinha de lona e palha.

O cacique, juntamente com as lideranças, começou as cobranças pela escola, pois os filhos das famílias que ficaram precisavam estudar. Eu então voltei a estudar na 2ª série, fiquei estudando na aldeia até a 4ª série. Como na aldeia não tinha o fundamental II, e nem o ensino médio, fui estudar na cidade de Itamaraju. Com muita luta, sofrimento, e sofrendo muito preconceito, consegui terminar o fundamental II do 5º ao 9º ano.

Quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, eu casei com um indígena da minha aldeia, que se chama Tohõ Pataxó, e engravidei. Nessa época eu estava com 18 anos, mas, mesmo assim, terminei o primeiro ano do ensino médio, e então tive que parar, pois tinha que cuidar do meu bebê, que se chama Jacian Pataxó. Depois de 1 ano voltei a estudar e consegui terminar o ensino médio, e, com muita luta e com o apoio da comunidade, eu consegui trabalhar na escola como professora de História e HPS (História de Porto Seguro), e comecei a lecionar na escola da minha comunidade as séries do 6º ao 9º ano.

Quando foi no ano de 2017 eu engravidei da minha segunda filha, que se chama Ynamanyã Pataxó. Trabalhando na escola, sempre pensei em cursar uma faculdade para atender melhor os meus parentes. Foi quando fiquei sabendo por alguns parentes sobre uns cursos que a UFMG proporcionava para nós, povos indígenas, onde tinham 36 vagas e através de uma prova concorria uma dessas vagas. Tentei uma primeira vez e não consegui, mas não desisti, e no ano de 2018 tentei outra vez e consegui passar no vestibular para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da UFMG, na habilitação em Matemática.

No primeiro semestre de nosso encontro na UFMG (FIEI) a nossa professora Vanessa começou a explicar que no final do curso nós apresentaríamos um trabalho que se chama TCC ou trabalho de percurso. Eu fiquei imaginado, pensativa, como seria esse trabalho, mas logo depois, com os nossos encontros, as professoras foram explicando como seria. Tinha pensado em escrever sobre a retomada do Monte Pascoal, elas começaram a buscar os orientadores para nos auxiliarem em nossas pesquisas. O meu orientador disse para fazer leituras de TCC, pois já havia escritos que citavam a retomada do Monte e livros de pesquisadores que também tratavam do tema. Comecei as leituras para e também comecei a escrever, mas precisava ir a campo para fazer as entrevistas, porque o meu trabalho ia entrevistar os anciãos que participaram da retomada no ano 1999 do Monte Pascoal. Porém, por causa da pandemia de COVID19 tive que comunicar ao meu orientador e às professoras do curso que precisaria mudar de tema pois, ainda que tivesse tentado fazer as entrevistas através da patioba (celular), não foi possível, pois nossos mais velhos não gostam de conversar pelo celular, e vários também não gostam de tirar

fotos. Eles pediram que eu fosse no kijêmi (casa) deles, mas se fosse eu estaria colocando a vida deles em risco. Nós jovens precisamos ter muito cuidado com nossos livros vivos, pois são eles que carregam com si toda as sabedorias de nosso povo. Fiquei então pensativa qual seria o meu tema de percurso, e foi aí que lembrei que em várias reuniões que eu participava dentro da nossa comunidade, o cacique sempre citava que depois que ele sofreu o acidente a memória dele não era como antes, e que ele estava esquecendo de muitas coisas. Essa foi então minha motivação para pesquisar e escrever sobre o sofrimento, luta e resistência do cacique Guaru Pataxó, pela nossa aldeia, nossos direitos, principalmente pelo nosso território. Nesse momento, com esse desgoverno atual, estamos sofrendo bastante para ter o nosso território de volta e para permanecer no que já estamos. Nós, como professores indígenas, precisamos registrar essas lutas, a história, para que nossas futuras gerações conheçam e reconheçam os esforços desses guerreiros na busca pelos nossos direitos, já que, muitas vezes, eles não são reconhecidos. Eu, como professora e graduanda, tenho esse dever de passar esses aprendizados para meus alunos.

A UFMG, com seus professores competentes e experientes que conhecem e buscam conhecer ainda mais a nossa realidade, dos povos indígenas, buscou sobretudo nos mostrar conhecimentos de outros povos indígenas. É muito importante para nós conhecer essas experiências de outros parentes indígenas, pois assim aprimoramos nossas ideias e trazemos para nossas aldeias toda essa sabedoria passada para nós. A faculdade é um sonho de nossas lideranças anciãs. Elas ansiavam por essa conquista, para que nós, jovens, possamos nos capacitar para voltar para nossas aldeias, e assim poder ajudar nosso povo.

Nas palestras na escola Indígena Pataxó Pé do Monte, o Cacique Guaru, juntamente com outros anciãos, tem esse olhar de passar um pouco de sua sabedoria para nossos alunos. Eles sempre são convidados, e nós, professores, sempre reservamos esses espaços. Nossos “livros vivos” têm esse pensamento de passar esses conhecimentos que só eles sabem e carregam consigo, essa grande sabedoria. Nessas conversas, o Cacique sempre cita que o maior sonho dele é trazer uma faculdade para umas de nossas aldeias, para que nós, jovens, não precisemos sair de nossas aldeias para cursar faculdade fora de nosso território. Ele também fala que quando nós vamos viajar para estudar longe de nossas aldeias, ele fica pensando muito em nós nessas estradas, e pede muito ao nosso grande NIAMISÛ que nos proteja em nossa caminhada.

Nós, professores indígenas, sempre buscamos ensinar os dois conhecimentos, o cultural e o científico, pois assim nossos estudantes estarão preparados para prestarem os vestibulares específicos para os indígenas e os de concorrências amplas, ou seja, para não indígenas. Em nossas Pataxí (aldeias) temos lugares riquíssimos, onde nós trabalhamos a história, geografia, ciências, matemática, dentre outros conhecimentos importante para o aprendizado de nossos alunos. Isso porque eles vão ser nosso futuro, vão defender o nosso futuro e os nossos direitos, que vão enfrentar as lutas, então precisamos preparar o quanto antes esses guerreiros e guerreiras.

1.2 Quem é o Cacique Guarú?

Oziel Santana Ferreira é também conhecido como Cacique Braga ou Cacique Guarú, da aldeia Pé do Monte. De acordo com as entrevistas que fiz com ele, seu nascimento foi no TI Pataxó Barra Velha, na Aldeia Campo do Boi. É filho do guerreiro Manoel Santana e da guerreira Adélia, que também nasceram na aldeia mãe Barra Velha. O seu pai é um guerreiro muito respeitado pelo nosso povo Pataxó. Quando os caciques iam viajar para Brasília, senhor Manoel foi uma das pessoas que ficava no comando da aldeia e era responsável em arrumar alimento para as famílias das lideranças e caciques que foram para luta.

Em suas falas, o cacique afirma que já nasceu na luta, pois o povo Pataxó já vem sofrendo desde a invasão. Cita também que com 18 anos se tornou liderança com seu pai, e começou a viajar em busca dos direitos, principalmente pelo território, porque naquela época o IBAMA já tinha criado o Parque Nacional do Monte Pascoal. Ele estudou até a segunda série do ensino fundamental, devido às dificuldades daquela época, pois a escola ficava muito distante da aldeia.

O Cacique Guarú é casado com Dona Maria, também filha de Pataxó. Tem 7 filhos e 10 netos, e hoje todos vivem na aldeia Pé do Monte. Ele conta que antes de vim para aldeia Pé do Monte, ele morava na aldeia Boca da Mata, a 14 Km de distância da aldeia Pé do Monte. Ele teve uma participação muito importante na retomada do Parque, porque ele era vice cacique de seu irmão, Alfredo Santana.

O Cacique diz que no começo era muito vergonhoso em falar e se expressar nas reuniões, quando ia com seu pai, mas uma situação começou a mudar isso. Uma vez, ia acontecer uma reunião fora da aldeia, e seu pai, Manoel Santana, não tinha como ir para essa reunião. E então seu pai disse a ele: você vai e leva o recado de nossa aldeia. Ele foi e falou das dificuldades da aldeia (que nessa época era aldeia Boca da Mata), e daí então ele perdeu a vergonha, e é uns dos caciques que sempre tá à frente nas falas, nas lutas e fazendo entrevistas sobre nossas lutas.

Hoje, no ano de 2022, o Cacique Guarú está a 16 anos com essa responsabilidade de liderar a aldeia Pé do Monte. É um grande líder que sempre está na frente das lutas e resistência junto com outros caciques e líderes de nossas aldeias Pataxó. Temos orgulho de ter o Cacique Guarú, com sua força e coragem, na frente, defendendo a nossa comunidade. Como ele diz, ser cacique de uma comunidade não é fácil, pois tem que enfrentar muitas batalhas e desafios para trazer os benefícios para seu povo.

O Cacique Guarú, além de ser esse grande líder da nossa aldeia, trabalha em um projeto muito importante com o grupo de coletores de sementes nativas, que planta as mudas em lugares desmatados, queimados, ou seja, o projeto promove o reflorestamento. Ele também faz parte do conselho da saúde indígena, conselho da FIMPAT, que é uma organização indígena que visa defender os nossos direitos. Cacique Guarú Pataxó. Ao longo deste trabalho, falarei sobre a atuação do Cacique em muitos momentos da nossa aldeia, inclusive na retomada do Monte Pascoal. Antes disso, falarei um pouco sobre o povo Pataxó.

Para finalizar este tópico, detalharei um pouco da metodologia para realização desta pesquisa. Em primeiro lugar, eu me vali das memórias, da convivência e das observações da atuação do cacique Oziel Santana (Guaru Pataxó). Eu sempre gostei de Participar de reuniões e encontros que acontecem dentro e fora da nossa comunidade. Foi na participação desses encontros que tive a ideia de pesquisar e escrever sobre a trajetória do cacique. Além das minhas memórias e observações, fiz uma série de entrevistas com o próprio cacique. Nessas entrevistas, tive um pouco de dificuldade, pois após ter sofrido um acidente no retorno de uma viagem para cobrar atendimento médico na aldeia, o cacique passou a ter muitos problemas de saúde, o que o tornava menos disponível para as entrevistas. Além disso, e apesar desses problemas, o cacique precisou continuar viajando para resolver questões da aldeia. Um outro fato que dificultou as entrevistas foi o acompanhamento que o cacique precisou fazer à sua esposa, que, como ele, também não estava bem de saúde. Ainda assim, consegui registrar várias conversas com ele, em diferentes momentos da pesquisa. Quanto às entrevistas com os parentes (algumas das quais se encontram no anexo) - Erenilton (Tarugo Pataxó), André (Poytãg Pataxó), Moisés (Tohõ Pataxó) e Ana Carina (Ikhã Pataxó)- , busquei registrar seus depoimentos porque eles são lideranças da nossa aldeia Pé do Monte e conhecem a luta incansável desse líder guerreiro Pataxó. Com relação ao meu caderno de campo, os registros de falas dos participantes e ideias minhas que iam surgindo, eram feitos quando ia participar das reuniões ou encontros.

Sobre a pesquisa bibliográfica, fiz leituras de muitos trabalhos que estavam disponíveis na biblioteca do FIEL, mas a que utilizei de maneira mais sistemática foi a pesquisa de conclusão do Leandro Braz: História do Ponto de vista Pataxó: Território e violações de direitos Indígenas no Extremo Sul da Bahia, defendida em 2017.



Figura 1 - Cacique Guarú Pataxó

Fonte: Tarugo Pataxó.



Figura 2 - Cacique Guarú juntamente com seu pai guerreiro o Sr. Manoel Santana e seu irmão Josias.

Fonte: Autora

2. O POVO PATAXÓ

Antes da invasão da nossa terra Pindorama, nosso povo era livre, nossas terras não tinham limites e nossos rios e matas eram sempre saudáveis. Porém, devido o contato forçado com os não-índios, o nosso povo foi obrigado a esquecer sua cultura e tradição. O Povo Pataxó está localizado no extremo sul da Bahia com 38 aldeias distribuídas em 7 territórios indígenas, sendo Barra Velha, Coroa Vermelha, Kay Pequi, Aldeia Velha, Imbiriba, Águas Belas e Mata Medonha. No Estado de Minas Gerais, há 7 aldeias nos municípios de Carmésia, Araçuaí e Itapeçerica. Em cada aldeia há um cacique, lideranças e conselheiros, que são os seus auxiliares e cuidam dos problemas relacionados à comunidade. São eles que buscam desenvolver e promover políticas que garantem condições para sanar as necessidades existentes no cotidiano da comunidade. Cada aldeia tem seu meio de sobrevivência, mas sempre buscando o fortalecimento da sua cultura e tradição.

O Povo Pataxó é um dos povos que tiveram os primeiros contatos com os não-índios. Segundo as histórias de nossos mais velhos, o povo Pataxó foi o povo que sofreu mais, nas mãos dos colonizadores. Eles falam em suas histórias que nosso povo era obrigado a trabalhar para sustentar os não índios, e quando não obedecia era castigado severamente, e para piorar ainda tinham os padres jesuítas que ficaram com o papel de reprimir as nossas manifestações culturais: catequizavam enquanto proibiam os rituais, a língua, a nossa organização social e religiosa, além de nos prepararem para servirmos de mão de obra escrava, ou para aceitarmos o baixo valor dos nossos trabalhos. Enquanto isso, o Governador dava título de posse de nossas terras aos invasores e assassinos de etnias indígenas.

O Povo Pataxó é um povo conhecido como um povo de resistência devido os massacres que sofreram. Devido esses massacres, até 1940 o nosso povo estava esquecido pelas autoridades brasileiras, sem reconhecimento e sem direito. Eles até pensavam que já não tinha mais Pataxó nessa região. Enquanto isso, o nosso povo vivia em grupos de pequenas famílias que moravam em torno do Monte Pascoal, e com todo sofrimento continuou com as lutas pela sobrevivência, porque não era fácil com o governo dando posse de nossas terras para grandes fazendeiros e latifundiários construírem suas fazendas.

Segundo o próprio Cacique Guarú Pataxó, atualmente, aqui em nosso território, Barra Velha, existem 400 fazendas que estão dentro de nosso território. Foi o governo quem deu a posse de nossas terras para os fazendeiros.

Hoje nosso Povo ainda sofre com a falta de seu território sagrado, que é local de sobrevivência e moradia. Por muitos anos até mesmo o idioma Pataxó, nossa língua materna, foi proibida e negada. Porém, em 1998, nossas lideranças e educadores, preocupados em afirmar nossa tradição e costumes, começaram a fazer pesquisas com os anciãos das comunidades pataxó em busca de palavras do nosso idioma Pataxó. A princípio, eles conseguiram catalogar 200 palavras, e para marcar os trabalhos de pesquisas eles passaram a chamar a nossa língua PATXÔHÃ quer dizer Pat, são as iniciais da palavra Pataxó; Atxôhã é língua; Xohã é Guerreiro, ou seja, linguagem de guerreiro. Hoje, graças às pesquisas

desses guerreiros, e com muitas cobranças de nossos caciques e lideranças, preocupados em fortalecer nossa cultura e principalmente o nosso idioma, é ensinada em nossas escolas a nossa língua materna Pataxó, desde o pré I até o ensino médio. Nas próximas seções do texto, falarei de dois momentos muito tristes de marcantes para o Povo Pataxó, a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal e o episódio de massacre contra o povo Pataxó conhecido como ‘Fogo de 51’.

2.1. A criação do Parque Nacional do Monte Pascoal e o sofrimento do Povo Pataxó.

Antes da chegada dos Invasores em nossas terras, nelas viviam mais de mil povos, e hoje em nosso país, Brasil, temos apenas 305 povos. Os outros foram dizimados oficialmente devido ao contato forçado com os invasores. As histórias que vêm sendo contadas de geração em geração contam que os povos Indígenas já viviam aqui nessas terras, mas com a chegada de Pedro Álvares Cabral com suas esquadras em nossas terras em 1500, foi um grande impacto aos nativos que viviam em Pindorama. Com relação aos territórios em que vivíamos, os governantes daquela época deram posse de nossas terras a grandes garimpeiros, posseiros, grileiros e fazendeiros.

A Presença de fazendeiros, criadores de gados e produtores agrícolas aumentou os conflitos entre índios e não- índios na região, causando massacres e dizimação da população indígena local. A diminuição do território tradicional levou ao enfraquecimento da resistência dos povos indígenas que viviam por aqui. Alguns desses povos se afastaram do litoral, enquanto nós, Pataxó, passamos a nos organizar em pequenas aldeias no litoral, apesar dos constantes ataques dos não- índios. (PATAXÓ, 2007, p. 9).

Em 1816 O viajante Wied- Neuwied, encontrou os Pataxó na vila do Prado, quando vinham da floresta trazendo bolas de cera de abelha, para trocar por outras mercadorias. Ao descrever os Pataxó, ele afirma que eram de estatura baixa, cabelos soltos, cortado no pescoço e na testa, raspado no meio da cabeça, mantendo apenas um tufo atrás e na frente. As casas eram choças de galhos finos de árvores e estacas fincadas, encurvadas umas com as outras e cobertas de palhas de coqueiros e das folhas de patioba. (PATAXÓ, 2007).

A história do Povo Pataxó é marcada por muitas lutas e resistências devido ao processo de colonização e ocupação do extremo sul da Bahia. A presença dos Pataxó no extremo sul da Bahia parece em relatos desde do século XVI, quando foram observados pelo naturalista Maximilian Alexander, Wied- Neuwied entre o Rio de Cabrália. Segundo o viajante, em toda a costa, desde o Rio do Prado, era temida a presença de grupos indígenas que habitavam as matas e rios e apareciam no litoral para trocar cera e outras coisas por produtos manufaturados. Em 1861, o Presidente da Província da Bahia, Antônio da Costa Pinto, determinou o aldeamento forçado dos índios próximo a foz do Rio Corumbau, na aldeia de Bom Jardim, atual aldeia de Barra Velha, onde reuniu índios de diversas etnias, dentre as quais estavam os Pataxó, que eram maioria, mas também os Maxakalis, Botocudos, Kamakãs e Tupis.

Falando mais especificamente do Território Barra Velha, foi a partir de 1943, com a criação do decreto 12.729, que criou o Nacional do Monte Pascoal (PNMP), que as disputas por este território indígena se acirraram. A criação do PNMP estava de acordo as políticas implementadas pelo governo ditatorial do Estado Novo, comandado pelo presidente Getúlio Vargas. O Parque Nacional foi elevado à condição de monumento nacional, que “deveria ser preservado em seus aspectos naturais e paisagísticos, contribuindo para perpetuar a memória do fato histórico que deu a origem à nação: O “Descobrimento do Brasil” em 1500”. ((PATAXÓ, 2011, pag. 36). De acordo com o art.3 do referido decreto, ficava reservada para a constituição do PNMP uma área delimitada em relação ao Monte Pascoal, ou seja, ao Leste, a linha costeira do Oceano Atlântico ; ao norte, a margem direta do rio Caraíva, desde da sua foz até a embocadura do seu fluente Guaxuma e, quando alcançado este ponto, a margem direita do rio Guaxuma até sua nascente; a Oeste, uma linha reta ligada a nascente do rio Guaxuma à nascente do rio Corumbau; da nascente do mesmo rio até sua foz no Oceano Atlântico. O Art. 4º. autorizava o governo do Estado a desapropriar, quando necessário, as terras e benfeitorias pertencentes a terceiros, incluídas na área demarcada, (DOU de 19 de abril de 1943)”. (SANTOS, 2017, p.6)

Em 1938, segundo Carvalho (1977), o Presidente Getúlio Vargas deu início à criação da denominada de “Comissão de Descobrimento”, que tinha como objetivo definir o ponto exato do descobrimento do Brasil. Era composta por várias pessoas: Bernardino José de Souza (Presidente), Coronel Nery de Fonseca, Capitão de Fragata Antônio Alves Câmara Junior, Comandante Luiz Alves de oliveira Belo e Engenheiro Civil Christovam Leite de Castro; do Prefeito de Porto Seguro Carlos Martins. (CARVALHO, 1977, p. 208). Ainda de acordo com Maria Rosário, o Governo naquele ano tornou o Extremo Sul da Bahia alvo de um projeto econômico grandioso, onde seria construído um ponto. Quanto ao recurso para executar esse projeto, grande parte viria da cobrança de impostos sobre a extração de madeira e da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal.

Então em 1939, em companhia do Almirante Gago Coutinho, seus membros já estavam trabalhando em fazer “o completo levantamento topográfico do Monte Pascoal, sua exata situação geográfica; bem como traçados que mais diretamente o [ligassem] às cidades de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália” (Decreto No. 11.892 de 2 de maio de 1941)”. (CARVALHO, 1977, p. 207). O trecho abaixo mostra o plano ambicioso do governo juntamente com sua comissão, em tomar as terras dos nativos.

O plano de trabalho da comissão previa uma colocação de um marco no ilhéu de Coroa Vermelha; a fixação de um cruzeiro monumental no local do continente onde Cabral fincou a cruz de posse e mandou rezar a segunda missa do Brasil; a criação de um parque nacional em torno do Monte Pascoal; a distribuição dos trabalhos de campo, cabendo aos técnicos da Marinha o levantamento hidrográfico do trecho da costa baiana da foz do rio Buranhém até a embocadura do João de Tiba, e aos técnico do ministério da guerra, o levantamento da região do Monte pascoal, ‘na mesopotâmia entre os

cursos do Carahyva e do Corumbal, e o exame da situação jurídica da terras objetivadas na criação do parque' (ib.: 193-5).”(SANTOS, 2017, p. 24).

De acordo com Maria Rosario Carvalho, a ida de Dr. Barros a Aldeia Bom Jardim foi por volta de 1944, onde ele e sua equipe foram medir o local exato para a criação do Parque Nacional, e foi quando meu povo foi enganado. O senhor Aurelino Costa Barros, conhecido pelo meu povo, o tal Dr. Barros, encarregado da demarcação, e para conquistar a confiança e o apoio dos índios de Bom Jardim que ali viviam, informou que ele havia sido mandado pelo governo para demarcar a terra dos índios, e precisaria da ajuda deles. Os parentes confiaram e foram ajudar o tal engenheiro na abertura das trilhas, no transporte e carregamento dos equipamentos, no abastecimento da equipe e na localização da mata. Ao final do trabalho, os índios foram surpreendidos com a triste notícia de que ali em suas terras iria ser criado um Parque florestal, e que os índios que ali viviam, no espaço que passaria a ser o Parque, teriam que sair. Eles não deveriam retirar mais nada, nem fazer suas roças, nem caçar, nem pescar: a Floresta iria ficar por conta dos bichos.

A triste notícia logo se repercutiu entre os índios como um golpe contra os seus direitos, já que tinham uma longa história de ocupação do território. Desde pequenos, ouviam de seus avós, pais e parentes que ali era sua casa, seu território, e que dele deviam cuidar e zelar. Decidiram, então, defender seus direitos frente ao governo, indo até a capital federal. Em agosto de 1949 o “Capitão”¹ Honório Borges, liderança Pataxó, junto com mais duas lideranças, Manoel Caetitu e Leoncio, viajaram para o Rio de Janeiro à procura de conversa com Marechal Rondon, com objetivo de reivindicar seus direitos ao território. Essa viagem foi muito sofrida, porque meu povo nessa época não tinha o conhecimento da leitura, não tinha muita convivência com o não-índio, e o pior: essa foi a primeira viagem, e a caminhada foi muito cansativa devido à falta do meio de transporte que meu povo não tinha. Segundo as histórias dos nossos mais velhos, eles foram pedindo carona nos caminhos e comendo farinha seca com piaba e água. Essa viagem durou quase dois meses, e no dia 1º de setembro de 1949, o capitão Honório conseguiu registrar sua reivindicação no SPI², onde ele pediu também ferramentas, sementes, roupas e mantimentos para os índios de Bom Jardim. E pediu para “por favor não deixar o pessoal da Índia tomar suas terras”. Ele se referia ao governo e aos engenheiros que os enganaram com a demarcação do PNMP. As pesquisas de Maria do Rosário Carvalho indicaram que alguém conduziu Honório do Rio de Janeiro para Niterói. Ela encontrou regido um dramático pedido de auxílio, com a data de 1º de setembro:

“Do capitão Onorio para [sic] os pobres Chefe da ardea de índio de Belo Jardim Monte Pasqual. Manda pedir roupa para minhas crianças e pesso ferramenta para o meu trabalho faso um pedido que não deixe de atender. Peso o favor de não deixar o pessoal da India tomar minhas terras eles tan tanto para panhar, Ardea dos Indios de Belo Jardim Monte Pascual que fica acima de porto Seguro na Bahia”.

¹Como explico mais adiante, nessa época os não índios tinham o hábito de denominar de “capitão” a liderança indígena.

²Serviço de proteção ao índio – órgão do governo Federal foi criado a 20 de julho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional

Ainda de acordo com Maria do Rosário Carvalho (1977), a carta do capitão é objeto de uma tramitação estranhamente errática e longa. Protocolada, ela é encaminhada, em 5 de setembro de 1949, por Modesto Donatini, Diretor do SPI, ao Inspetor Especializado Alísio de Carvalho, sediado em Teófilo Otoni, Minas Gerais, igualmente dirigida à Inspetoria Regional 4, cuja sede era Recife, onde é também protocolada e encaminhada ao Inspetor Sílvio dos Santos. Em 6 de julho de 1951, portanto um ano e dez meses depois, o processo SPI nº 4073/49 é encaminhado ao agente Manoel Moreira Araújo a reivindicação de Honório.

Nessa ida de Honório até o Rio de Janeiro, ele não conseguiu nada a respeito da criação do tal Parque, mas os funcionários do SPI que o atenderam, anotaram todas as reivindicações feitas por ele, e disseram que iriam tomar todas as providências, ou seja, iriam enviar engenheiros para estudar e demarcar nossas terras. (CESE 2007, p. 14). Mas, de acordo com as histórias contadas por nosso povo, isso não aconteceu. Passaram-se dois anos e nada. Então, Honório, com suas lideranças, resolveram fazer uma segunda viagem no Rio de Janeiro até o SPI, e nessa viagem eles conheceram dois homens, que afirmaram que viriam até a aldeia demarcar a área.

2.2. O fogo de 51

Honório, com seu grupo, voltou com esperança de que tudo iria resolver. Alguns meses depois da última viagem, chegaram dois homens, um dizia ser engenheiro e o outro tenente, e disseram que tinham ido resolver o problema das terras. A identidade desses homens hoje é misteriosa para o povo Pataxó. Muitos Índios não queriam aceitar esses dois homens na aldeia, mas eles convenceram os parentes de que eles tinham vindo para demarcar nossas terras, que tinham sido enviados pelo governo. Algum tempo após terem chegado na aldeia, começaram a mostrar quem eles eram de fato, que eram bandidos, e que foram enganar os Pataxó. Os bandidos obrigaram alguns membros da aldeia a roubar um comerciante de Corumbau e bateram muito nesse comerciante, e com isso algumas pessoas fizeram ligação para as polícias de Porto Seguro e Prado, mas quando os dois indivíduos ficaram sabendo, eles cortaram os fios dos telefones, só que já tinham chamado os policiais.

Os dois homens continuaram aterrorizando as pessoas, e segundo as histórias do meu povo, esses dois homens tiraram o couro da cabeça do de um senhor chamado Teodomiro e deu para ele comer e colocou uma cangalha nas costas do senhor Teodomiro e fez ele correr de Barra Velha até Caraíva com essa cangalha. Mas logo à noite os nossos mais velhos contam que viram umas claridades um pouco longe da aldeia e logo em seguida começou um tiroteio: eram as polícias de Prado e Porto Seguro que já tinha chegado na região. As polícias de Prado de um lado, e as de Porto Seguro do outro lado, e meu povo no meio do tiroteio. Nos relatos de nossos anciãos, que passaram por esse sofrimento, havia muitos idosos e crianças, e aqueles que não conseguiam correr, ali mesmo iam morrendo, e nessa briga muitos policiais também morreram.

Mas logo que eles descobriram que não eram os índios que estavam atirando, os policiais, montado em cavalos, entraram na aldeia e foram pisando em tudo e todos que estavam em suas frentes, e ateando fogo nas casas dos índios, e prendendo e espancando os índios que encontravam em suas frentes. Aqueles que aguentavam correr iam correndo, e aqueles que não aguentavam ali mesmo iam morrendo, porque segundo os nossos anciãos, que sobreviveram a esse massacre, os policiais pisavam de cavalo em cima das crianças, dos velhos, e aí iam só destruído o que viam pela frente.

Muitos índios conseguiram correr para a floresta, e tiveram que viver lá por muito tempo, e os que eles pegaram fizeram muitas malvadezas e torturaram os índios bastante, pois eles falaram que os índios que eram os culpados tudo aquilo que estava acontecendo. Enquanto isso, eles saquearam tudo que tinha na aldeia, segundo as histórias de nossos mais velhos, até o um sino que tinha na aldeia levaram. Os índios que ficaram presos foram libertados depois que chegou uma ordem de Salvador para soltar os índios, porque os culpados tinham morrido, mas que os índios iriam que ser levados para trabalhar nas fazendas em regime de escravidão. E assim meu povo foi sofrer nas mãos daqueles que tomaram seu território.

Os índios que conseguiram fugir não poderiam voltar para aldeia, pois foi destruída, e havia guardas a procura deles, para que fossem levados para as fazendas. Enquanto isso, os índios que fugiram tinham que comer tudo cru porque não podiam acender fogo, porque os guardas poderiam encontrar eles. E assim contam que tinha uma índia Pataxó chamada Maria Calango, que ela sabia umas rezas que faziam as pessoas envultar (torná-las vulto). Com essas rezas que ela fazia, iam até a aldeia para ver se ainda os policiais estavam por lá. E nessa época meu povo conta que Barra Velha ficou vazia, sem ninguém, porque muitos foram mortos, e outros foram obrigados a irem trabalhar como escravos, e os outros fugiram para a floresta com medo de morrer. Nos momentos em que fazem esses relatos, eu já vi muitos de nossos anciãos chorarem quando lembram dessa história marcada por muitos sofrimento e derramamento de sangue Pataxó. Apesar de tudo isso, uma coisa tem nos fortalecido e nos serviu de incentivo para continuar lutando pelos nossos direitos principalmente pelo nosso território de origem, pois, apesar de todo sofrimento, é nele que está toda a nossa história e sangue de nossos antepassados que tanto lutaram para que nós existamos hoje.

Esse massacre, que ficou conhecido como “o fogo de 51”, aconteceu no mês de maio de 1951. Os guardas permaneceram por alguns meses na aldeia para pegar os índios que tinham fugido para a floresta. Depois de alguns meses, com a saída dos guardas da aldeia, os Pataxós foram voltando aos poucos para a Aldeia Barra Velha, mesmo com receio e medo dos policiais voltarem. Aqueles que não quiseram retornar para a aldeia foram ficando por ali mesmo, formando, assim, novas aldeias. Por isso, hoje a aldeia Barra Velha é considerada a Aldeia Mãe Pataxó. Foram muitos os acontecimentos com muitos sofrimentos que marcam a memória dos nossos antepassados.

3. A RETOMADA DO MONTE PASCOAL E A PARTICIPAÇÃO DO CACIQUE GUARU.

“Retomada não é uma invasão de terras e sim a reconquista do território tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas que, nestes 522 anos foram retirados pelos invasores (PATAXÓ, 2007) Como diz o livro sobre o Povo Pataxó e sua resistência (CESE, 2007, p. 32).

O Monte Pascoal é o nosso Pé de pedra, a terra indígena baliza de nossa história, salão de nossas festas, altar e memória de nossos antepassados. Terra que representa o canto do paihó, o sossego da onça pintada, o som do sabiá, o tinir da araponga, a sombra do jequitibá e tantas outras formas de vida da Mata Atlântica que queremos preservar como sempre fizemos.

O Monte Pascoal, Terra Indígena Pataxó, foi o primeiro sinal de terra avistado pelos grandes navegadores na época da invasão em 1500. De acordo com as histórias de nossos anciãos, viviam mais de mil povos em Pindorama, cada um com seu idioma, cultura e seu modo de viver e sobreviver. Os meios de sobrevivência vinham da caça, pesca, de frutos, raízes, sem falar da água cristalina que transbordavam em nossas terras. Os historiadores contam que quando os invasores saíram de Portugal, eles estavam à procura de novas terras para explorar, e passando dias de viagem pelo alto-mar, avistaram o Monte Pascoal, nome dado por eles, que chegaram aqui em nossas terras na época da Páscoa. Mas, segundo as histórias de meu povo, esse Monte que hoje chamamos de Monte Pascoal tinha vários nomes, até porque aqui viviam vários povos. Como citado acima, eram mais de mil povos. Com a chegada desses invasores, os povos que habitavam Pindorama foram enganados e obrigados a sair de suas terras e deixar de praticar a sua identidade tradicional.

Uma dessas perdas foi quando, como já dito anteriormente, em 1943, através do decreto de 12.729, os indígenas que viviam nas proximidades da Costa do “Descobrimento” receberam a notícia de que iria ser criado um Parque Nacional no único pedacinho que os indígenas estavam e que estava sendo preservado por esses Povos, porque a maior parte de nossa Mãe Terra (Hãhã) foi tomada dos nossos antepassados pelos governantes e negociada com o grileiros e fazendeiros que hoje se dizem donos de nossas terras.

O decreto para a implantação do Parque foi em 1943, mas a demarcação só aconteceu em 1961. Com a demarcação e a expulsão dos nativos de dentro do Parque, eles foram para uma beirada de areia quente. Nesse espaço o que plantava não dava nada, o que tinham eram uns pés de mangaba e muita areia, e ainda o nosso povo foi proibido de pegar os seus mariscos e, principalmente, de caçar, já que com a demarcação a demarcação, o mangue - de onde era tirado o marisco, a comida típica do povo Pataxó -, e as partes onde era possível colocar as roças de agricultura, ficaram dentro do Parque.

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF foi o órgão que ficou com a responsabilidade de cuidar do Parque, mas nossos líderes, grandes sábios, ainda que não saibam ler e escrever, nunca abaixaram a cabeça para esses governos que só pensavam em tirar nossos direitos. Segundo as histórias de nossos anciãos, depois da demarcação do Parque sempre tinham conflitos entre

os índios e os guardas que trabalhavam com o IBDF, por não quererem que os índios fizessem suas roças nas clareiras ou tirassem seus mariscos no mangue.

Em livro sobre a história da resistência Pataxó (PATAXÓ, 2007, p. 13), o depoimento de Tapera Pataxó é um importante registro das proibições e ataques do IBDF:

Não podia fazer roça antes porque naquela época era o IBDF que empatava muito botar roça... pra gente comer a farinha, meu pai saía daí de Barra Velha pra ir lá nas Águas Belas, pra trocar caranguejo e peixe com outro índios de lá, porque cá em Barra Velha não tinha como botar roça, que os guardas desmanchava tudo. Primeiro quem botou roça foi tio Firmo, depois a veia Josefa, ai começou aquela encrenca. Fazia a cerca, os guardas desmanchavam, fazia cerca, os guardas desmanchavam. Teve uma vez que meu tio quase que ia matando um guarda, e também quase que ele ia matando tio Firmo. Porque ele desmanchou a roça.... o tio Firmo com um machado, e ele com o revólver... Tio Firmo ia dar uma marretada na cabeça dele. Num instante ele chegou à boa. Então, é um sofrimento entre nós. O meu conhecimento, que eu sei, que me alembro, foi dessa forma.

No mesmo sentido, Karajá, ex- cacique e liderança de Coroa Vermelha e hoje atual cacique da aldeia Canto da Mata e vice do conselho de caciques do Território Barra Velha, diz que antigamente era muito difícil sobreviver nas nossas aldeias reduzidas com a criação do Parque.

“Não podia caçar, pescar, nada ... o que nos aguentava ali era o mangue. Desde 51, os índios ficaram desconsiderados na região. Ninguém dar trabalho pra gente. Quando a gente saía da, as pessoas fechavam a porta na nossa cara pra nem ver... A gente era considerado como animal, vivia preso na aldeia, Ninguém ligava pra gente, nem governo nem nada... Não tinha terra pra planta, comia caju, castanha, mangaba, caranguejo cozido na água salgada do mar, que nem sal nem farinha agente tinha...” (PATAXÓ, 2007, p29-30)

E foi a partir desses conflitos entre o IBDF e nosso Povo que os caciques e lideranças resolveram retomar o seu território de origem, o Monte Pascoal, Terra Sagrada do Povo Pataxó, no dia 19 de agosto de 1999. Com o aumento das famílias e a falta de espaço, o Conselho de caciques (organização de caciques e lideranças que lutam em prol do seu Povo), convidou caciques e lideranças dos territórios Indígenas Pataxó e outros Povos como Os Pataxó Hã-Hã-Hãe e os Tupinambá para uma grande assembleia que foi realizada na Aldeia Boca da Mata. Em minhas entrevistas, o Cacique Guarú conta um pouco dessa história:

Na época que nós viemos retomar o monte Pascoal, que foi em 99, eu não era cacique, eu era vice cacique de meu irmão Alfredo. E pra nós o objetivo era ocupar o nosso lugar de origem, onde os nossos antepassados foram expulsos, porque meu pai, minha mãe, meus tios falavam o que eles já ouviam de nossos parentes mais velhos, que esse Parque foi criado em cima de nossas terras tradicional do Povo pataxó. Então crescemos ouvindo e vendo as histórias e também as lutas e, principalmente, o sofrimento. A organização para fazer a retomada do Parque, nós tínhamos um conselho de cacique que organizamos em Boca da Mata em 99, quando foi no dia 18, 19 nós chegamos aqui no Monte Pascoal, fizemos essa ocupação aqui na Guarita

aonde estavam os guardas, está entendendo? Graças a Deus foi uma retomada pacífica, ninguém machucou ninguém, ninguém saiu machucado. Nós fizemos a leitura de um documento e falamos que nós iríamos tomar conta, cuidar desse Parque, está entendendo? Cuidar igual a gente cuida de nossa mãe. Mas eu espero que o nosso povo tenha consciência, né, mentalidade de algumas coisas que estão acontecendo, que não está de agrado e endireita isso aí, mas eu espero, quando nós chegamos aqui, nós com dois dias, nós estávamos com 500 índios aqui nessa luta, e aí só saiu daqui depois que falou que nós não iríamos sair mais daqui do Parque, aí cada um procurou sua estrada de volta para suas aldeias. Estava o CIMI, ANAI, FUNAI deu apoio, e outros órgãos também que eu não tenho assim a lembrança, mas teve gente que ajudou a gente também o Terra Viva, né, ajudou, né, o que pode ajudar nós, então agradeço esses povos, órgãos que ajudou nós também, a FUNAI ajudou nós também. Nesse tempo tinha funcionário que tinha coração, né. Conhecia nossos direitos e ajudou a gente.

Entrei na liderança com meu pai eu era garoto. Tinha 18 anos e acompanhava a luta dos mais velhos, porque eu tinha o sonho de um dia eu ser um líder e também ser participativo do movimento indígena, para ter conhecimento para poder lutar e defender o território do nosso povo Pataxó, que foi geralmente violado pelos não-índios. Então eu quero dizer a vocês que a retomada do Monte Pascoal é, foi, um trabalho em conjunto. Nesse tempo nós tínhamos o conselho de cacique. O presidente do conselho era Nailton Pataxó Hã Hã Hãe, e outra liderança, que era o Joel Braz, que fazia parte da APOIME, era um organizador de articulação. E o Alfredo, o Zezito, Manuel Santana... Alfredo era o cacique e o Zezito a liderança, o Manuel Santana era o cabeça, ele era o pajé e conhecia muito bem essa luta. Ele começou trabalhando no tempo de infância dele. Na guerra de 51 ele colocou rede por 1 ano e meio para poder pegar o peixe para sustentar as famílias. Quando foi no ano de 99 a gente já vinha articulando essas caminhadas todas com o conselho de cacique, nós fizemos uma reunião muito grande em Boca da Mata. Começamos no dia 17 e fomos até o dia 18. No dia 19 nós decidimos de madrugada sair de Boca da Mata e chegar aqui no Monte Pascoal, sabendo que o Parque Nacional Monte Pascoal, que foi criado em 1961, foi em cima de uma Terra Tradicional do Povo Pataxó. Por que eles tiraram, o povo Pataxó? Porque o povo Pataxó não sabia ler, escrever, não conhecia os seus direitos, só diziam assim: essa terra era uma terra que eu nasci, quando o Português chegou em 1500 o nosso povo estava aqui, nossas lideranças, nossos ancestrais.

Então nós tínhamos uma certeza, certeza de que essa terra é uma terra nossa. Então por essa razão a gente tomemos uma decisão junto com o conselho de cacique, junto com a comunidade, veio homens, mulheres, crianças, está entendendo? Andando, criança no colo, debaixo de chuva. Chegamos aqui com 450 [pessoas], depois chegou mais gente, índios de outras localidades, de Coroa Vermelha, Caramuru, os Truká de

Pernambuco, os Maxacali de Minas Gerais...então a gente fez esse trabalho, foi um trabalho tão honesto e sincero que abrangeu esse povo, esses povos vieram para aqui para o Monte Pascoal. E hoje nós estamos aqui com 23 anos no Monte Pascoal. Eu costumo falar para os visitantes, para os turistas que vem aqui visitar o Monte Pascoal, quando eles me perguntam se eu sou daqui ou não, eu digo: “eu nasci e me criei [aqui], porque a terra é uma terra só, a T.I. Barra Velha”. Então é isso aí que eu quero falar, deixar registrado aqui, que isso aí vai ficar no arquivo. No momento que eu estou falando, fazendo esse trabalho, eu já tenho 63 anos idade e essa história pode ficar já registrada para sempre.

O primeiro cacique da aldeia Pé do Monte foi o Joel Braz, depois o parente que se chamava Tico. Aí fizeram umas retomadas que não deram certo, eles saíram, e eu fiquei aqui junto com os outros companheiros. Depois eles acharam por bem, a própria comunidade achou por bem, como eu tinha o conhecimento na luta, do trabalho de cacique, eu cheguei aceitei a proposta deles [de ser cacique] e fui trabalhar com a comunidade, e estou até hoje, está entendendo? Mas primeiro foi o Alfredo, depois o Alfredo saiu, o Joel ficou assumindo a responsabilidade, depois o Joel saiu e ficou o Tico, depois o Tico saiu e nós ficamos aqui sem cacique nenhum. O chefe da FUNAI era Zezito Pataxó, aí ele fez uma reunião com a comunidade e daí falou: “tem que ter um cacique”. A comunidade escolheu eu para ser o cacique deles, e estou até hoje. Mas não é fácil a luta não. Estou com coragem, né? E graças a deus foi bom que aprendi mais ainda, foi um aprendizado a mais para mim e ainda estamos na luta aí. Deus que é nosso mestre. (Fala do cacique Guaru Pataxó dia 13 de janeiro de 2022)

Ainda em seus relatos ele conta quem administrava o Parque Nacional antes da retomada do Monte Pascoal, e como era essa administração para os povos que viviam e sobreviviam naquele espaço:

Eu alembro das falas dos parentes Pataxó que no tempo do IBDF, quando criaram o Parque, eles tiraram o nosso povo para fora, nossos índios. Que um bocado deles morreram. Um primo carnal de meu pai, o Tururim, [conta] que o IBDF pegaram o Povo Pataxó e colocaram na beira de uma praia, sem direito de pescar, sem direito tirar seus caranguejos, sem direito de tirar a piaçava...aí o jeito foi enfrentar eles também. Os guardas queriam bater nos índios, o jeito foi os índios bater em guardas, guardas bater em índios e foi aquela, aquele, aquela trava de luta, eles dizendo que nós, nosso povo não tinha direito. Nessa época ainda, eu não era nascido ainda. Então, isso é uma história que meu pai conta, minha mãe contava, os outros parentes contavam também, e ficou registrado na memória da gente. O IBDF nessa época não foi um órgão com transparência não, ele foi um órgão que atropelou o povo Pataxó. É por isso que o povo Pataxó tem uma grande raiva quando se fala em IBDF, fala no IBAMA, fala no ICMBIO, está entendendo? E hoje que a gente está entendendo o que era

esse IBDF e o que era IBAMA, e o que é ICMBIO hoje, mas não é todos que tem esse conhecimento. Sim, para eu deixar o meu relato certinho: o IBDF não foi um amigo dos índios. Depois o IBDF entregou a responsabilidade do parque para o IBAMA e o IBAMA fez também a mesma coisa. A mesma coisa que o IBDF vinha fazendo o IBAMA vinha fazendo também, atropelando. Não chamava os índios para conversar, queria era espancar os índios. Então os índios tomaram raiva dos funcionários do IBAMA. Teve funcionário do IBAMA que pegou tatu, bateu em índios com tatu, está entendendo? Então índio ficou magoado com aquilo. Então não foi assim um amigo. Hoje, como o IBAMA já passou a responsabilidade do Parque Nacional para o ICMBIO, hoje como nós temos o conhecimento, hoje que nós sabemos que o Parque Nacional está dentro da nossa terra de origem, hoje que o levantamento dessa terra foi aprovado como terra indígena, ela já no Diário Oficial da União, no Diário Oficial do Estado, está entendendo? Agora nós não vamos aceitar o que o IBAMA fez, o que o IBDF fez o que ICMBIO quer fazer, pensa de fazer com nós. Nós não aceitamos isso porque hoje, graças a Deus, com esse todo sofrimento, com essa toda luta, com essa toda dificuldade, têm os parentes que estão estudando na faculdade, outros que já terminaram...o nosso sonho é ver nossos parentes estudando para defender um direito, um patrimônio que é deles, então é para isso que é o nosso sonho, de meu pai, de meu tio firmo, outros e outros mais, é capacitar nossos parentes cada vez mais para eles ficar formado, para governar e administrar o que é deles, esse é um sonho de nós Pataxó.

Como citado acima na entrevista do cacique, que esse é o sonho de nossos anciãos em nos capacitar para defender os nossos direitos e principalmente o nosso território. Ele relata também o sofrimento que nossos parentes passaram na época em que o Parque Nacional do Monte Pascoal foi demarcado e o IBDF e o IBAMA, passou a governar esse espaço sagrado, para o Povo Pataxó.

Abaixo ele conta um pouco sobre essa luta de nossos anciãos que passaram por esses sofrimentos devido esses dois órgãos, em querer pisar em cima dos verdadeiros donos. Onde ele fala de uma história que eu sempre ouvi, que foi a bravura do senhor Firmo em enfrentar os guardas do IBDF, para que os parentes conseguissem um espaço para fazer suas pequenas roças para a sobrevivência:

Lideranças que lutaram pelos nossos direitos: O Tururim foi um grande líder, o Epifânio, outro grande líder, o Honório foi um grande líder, o Alfredo foi um grande líder, o Manuel Santana, Firmo, a Josefa (Dona Josefa), Maro Onça, que mora ali no Corumbauzinho. Então esses camaradas que eram o braço direito, estão entendendo? Era o braço direito que lutavam. Eu vou falar uma história aqui do Firmo, é por causa de quê que hoje eu respeito as lideranças, porque eles lutaram para deixar um direito para nós. Ele pegou na gola da camisa do Siquara [um antigo guarda do IBDF], derrubou, botou o bicho no chão e mandou os parentes dele

trabalhar na roça para poder garantir de ali tirar os sustentos para alimentar os seus filhos. Através dessa luta dos mais velhos é que nós estamos aqui hoje. Então eu tenho muita consideração pelos mais velhos. Teve índios que lutou com guarda, que esfregou cara de guarda no chão, porque ele queria pisar no índio, índio não aceitava o que eles queriam, então foi um grande massacre que teve pelo meio da gente, está entendendo? Agora hoje a gente tem o conhecimento, que a gente estamos levando na base da caneta no direito, está entendendo? Mas antes, antes disso, nossos povos não sabiam ler, não sabiam escrever, precisou levar na porrada mesmo, índios batiam em guardas, guardas batiam em índios, mas graças a Deus quem está hoje governando isso aqui somos nós juntos. O índio tem que ter coragem mesmo. Se o índio não tiver coragem não funciona não, porque cada vez mais eles querem passar por cima de nossos direitos e nós não vamos aceitar é por isso que nós estamos preparando nossos jovens hoje, estão estudando aprender para não deixar acontecer o que aconteceu com nossos velhos. É para isso que a gente damos o maior apoio, nós vamos para Brasília, vamos lá no MEC, lutar. Para poder garantir eles nos estudos deles, para poder ajudar, porque nós já estamos ficando velhos. Eu tenho 63 anos de idade, não sei até quando eu vou durar, e temos que estar preparando os jovens para poder enfrentar, essa luta é uma luta travada. Se a gente não acordar para a vida a coisa fica difícil para nós...por que? por causa de quê o IBDF pegou nossos parentes e botou na beira da praia? Porque eles não sabiam ler, não sabiam escrever, não sabiam nada e graças a Deus e a coragem do caboclo Firmo e dos outros, das outras lideranças que lutaram como o Epifânio, que foi para Brasília andando trabalhando pela estrada, sofrendo, passando das horas de comer, passando da hora de beber sua água, para garantir esses direitos, então por isso eu tenho muito orgulho desse povo que não sabiam ler e nem escrever. É isso aí que eu quero deixar registrado.

O cacique cita ainda que quando ele era vice cacique, via o sofrimento e angústia de seu povo, que era obrigado a buscar escondido seu pão de cada dia dentro de sua própria casa, e essa situação cortava o coração de tristeza. O cacique Guarú disse que já tinha acontecido antes algumas ocupações desse lugar sagrado, e que devido a algumas traições, o nosso povo não permaneceu, e foi obrigado a se recuar, voltando para a aldeia Boca da Mata. Por isso a retomada precisava ser bem articulada, para não acontecer que já tinham acontecido antes. E no terceiro dia e último dia de reunião já ficou definido que as 2 horas da manhã do dia 19 do mês de agosto nós subiríamos para retomar o nosso espaço e lugar sagrado que tanto nossos antepassados sonharam em conquista de volta, lugar onde foram mortos vários parentes para nós estamos aqui hoje.

O Cacique sempre diz que quando eles saíram da aldeia para vir retomar o Monte, estava muito chovendo, e que eles tiveram que vir andando. Quando foi umas 4 horas da manhã ele chegaram na praça do meio, hoje conhecida como Praça da Resistência, e começaram a se pintar e pegar suas armas

de lutas, que são os arcos e flechas, as bordunas, as lanças e, principalmente, pedindo ao grande criador (NIAMISÛ), para que os protegessem nessa nova caminhada de ocupação do nosso espaço.

O cacique fala também em suas palestras que quando chegou na guarita do Parque só tinham os guardas, e que os parentes chegaram, pegaram as armas dos guardas e mandaram eles se comunicarem com a chefe do Parque, que nessa época era Dr. Carmem, informando que os índios retomaram o Parque. Tomaram as armas e prenderam os guardas em um quartinho que tinha na guarita do Parque. Fala, ainda, sobre como informaram as autoridades que o Monte Pascoal havia sido retomado:

Assim que chegamos no Monte Pascoal começamos a fazer os documentos para enviar aos governos explicando o porquê dessa ocupação, explicando que esse parque foi criado em cima de nossas terras de origem, e que eles expulsaram o meu povo de dentro de sua casa, e que, naquele dia, nós estamos pegando o que foi roubado de nossos antepassados. O cacique Guaru Pataxó relata também sobre uma carta que foi escrita pelas lideranças que estavam presentes na retomada e enviado as autoridades brasileiras, onde falavam de nossos direitos a nossa terra de origem. (PATAXÓ, 2007, p. 33/34).

CARTAS DO POVO PATAXÓ ÀS AUTORIDADES BRASILEIRAS

Nós, representante dos povos Pataxó e Pataxó Hãhãhãe, reunimos entre os dias 16 e 18 de agosto de 1999, lideranças do nosso povo, discutimos os problemas que passam hoje as comunidades indígenas, principalmente na luta pela demarcação de nossas terras. Nessa Assembleia do Conselho de caciques, nós confirmamos a necessidade de ampliação e recuperação do nosso território tradicional, dentre este a área que compreende parte das aldeias Boca da Mata, Barra Velha, Corumbalzinho, Meio da Mata e Águas Belas, aldeias ao redor do Parque Nacional do Monte Pascoal, terra dos nossos antepassados, que hoje está sendo recuperada por nosso povo.

Depois de muita conversa bonita, cansados de esperar por nossos governantes, e conscientes que, o suposto Parque Nacional está dentro dos limites de nossa terra, conforme a história dos nossos anciãos, decidimos imediatamente RETOMAR o nosso território, neste dia 19 de agosto de 1999, quinta-feira, protegidos pela memória dos antepassados, protegidos pelo direito Constitucional e forçados a dar respostas aos atos falhos do estado brasileiro e aos seus governantes que nunca olharam nem se preocuparam com a nossa situação. É impossível falar em comemoração dos 500 anos de invasão de nossa terra sem lembrar do sofrimento e violência contra os povos indígenas até os dias de hoje; a falta de uma assistência adequada e o descaso total dos órgãos responsável também motivou a nossa decisão. Nosso principal objetivo é garantir a nossa terra; pretendemos transformar o que as autoridades chamam de Parque Nacional do Monte Pascoal e Parque Indígena, terra dos Pataxó, para preservá-lo e recuperá-lo da situação em que hoje o governo deixou a nossa terra, depois de anos nas mãos do IBDF, atual IBAMA, que nada fez a não ser reprimir os índios e desrespeitar os nossos direitos. Queremos deixar claro para a sociedade brasileira, para os ambientalistas, para as demais autoridades, que não somos destruidores da floresta, como tem sido proclamado pelo chefe do Parque, que muito tem desrespeitado os nossos direitos; queremos também contar com o apoio de todos: entidades, igrejas, parlamentos, órgãos federal, estadual e municipal, para construir o futuro do nosso povo dentro do nosso território tradicional.

Vamos celebrar os 500 anos em nossa terra; receberemos os nossos parentes de todo Brasil aqui, no Monte Pascoal, único local possível para construir o futuro com dignidade.

Solicitamos que a Procuradoria da República e a imprensa em geral possam acompanhar os nossos trabalhos nestes primeiros meses, dentro de nossa terra. Mais uma vez pedimos o apoio de toda a sociedade brasileira.

4. A IMPORTÂNCIA DO CACIQUE DENTRO DE UMA COMUNIDADE INDÍGENA.

Nós, Povos indígenas, sempre tivemos nossas formas de organização. De acordo com as histórias que são contadas pelos nossos mestres anciãos, antes dos invasores chegarem aqui em nossas terras, em Pindorama, cada povo tinha seu Líder, que era responsável na organização do seu povo. Primeiro é o pajé, que era o líder espiritual. Depois desse líder tinha uma liderança maior, essa liderança maior era quem cuidava do povo, da questão social e organização. Antes do fogo de 51, ou massacre, o líder que ficava a frente das lutas da comunidade e Povo era chamado pelos homens brancos (ĩdxihí), como Capitão. Era o Capitão que ficava à frente da aldeia. E nessa época quem era o Capitão de Bom Jardim (o nome da primeira aldeia Pataxó, hoje Barra Velha), o Senhor Honório Borges. Era conhecido como Capitão devido ao fato de ele ficar à frente da aldeia na cobrança do nosso território, principalmente na época que foi criado o decreto 12.729 para implantação do Parque Nacional do Monte Pascoal. Quando os indígenas ficaram sabendo desse decreto, que iriam tomar as terras e o lugar onde eles viviam, sobreviviam, que era seu local sagrado onde praticavam seus rituais de cura e fortalecimento, suas lideranças se viram obrigadas a viajar para defender seus espaços, e foi em umas dessas viagens que ele, o senhor Honório, conheceu dois meliantes que se passaram por tenentes, e disseram que em alguns meses viriam para aldeia para demarcar as terras dos indígenas, mas não foi o que aconteceu. Como já foi neste trabalho narrado, a chegada desses dois homens levou à perda de muitas vidas e muito derramamento de sangue. O que aconteceu no ano de 1951 nem nossos mais velhos gostam de se lembrar. Até mesmo o governo daquela época já dizia que no Sul da Bahia não tinham mais indígenas, devido ao massacre, ao genocídio que eles fizeram com os índios de Barra Velha. Segundo as histórias que já ouvi de alguns parentes, depois do massacre o Capitão Honório foi levado preso, pois disseram que ele foi o culpado desse massacre ter acontecido. Depois dessa tragédia que aconteceu com nosso povo em 1951, a aldeia Barra Velha ficou vazia, e foi o senhor Epifânio, juntamente com sua família, que teve o papel impostíssimo na construção da história do Povo Pataxó. Era ele, juntamente com seus filhos, que saía à procura dos parentes nas fazendas e nas matas para pedir que eles voltassem para Barra velha. E nessa ocasião o Epifâneo também ficou conhecido como Capitão, como conta o relato de dona Maria Coruja (SANTOS., 2017, p.47):

O velho Epifâneo, ele era o capitão e o que ele fazia? Ele era o nosso pai, Deus do céu e ele da terra. De manhã ele andava pelas casas para ver como estava os seus índios, Barra Velha tinha pouquinha casa e ele andava de casa em casa conversando com seus índios.” (Maria Coruja, 70 anos, aldeia Barra Velha 09 de junho de 2016).

Como dito por Maria Coruja, o senhor Epifânio que ficou no lugar do Capitão Honório depois do fogo de 51. Foi ele quem teve essa coragem de voltar para seu território e buscar, chamar e

conscientizar nossos parentes a voltarem para nossa luta, a luta pelo nosso bem maior, o território, “porque o índio sem seu território é como um pássaro sem floresta”.

A partir de 1984, de acordo com as histórias, surgiu o primeiro cacique na aldeia Barra velha, e depois os indígenas foram se espalhando e formando várias aldeias, e cada aldeia tinha seus líderes. Apesar de cada aldeia ter seu cacique, existe uma liderança maior, o Conselho de Caciques, cujo dever é estar à frente, em busca dos direitos, e aconselhar os outros caciques sobre como liderar a sua comunidade.

Segundo as histórias que já ouvi de nossos mestres anciaões, antigamente a função de cacique era passada de geração em geração, ou seja, era herdada. Hoje em dia, porém, um cacique se consolida através de suas lutas e seus conhecimentos. É realizada uma assembleia, quando são escolhidos o cacique, o vice cacique e suas 12 lideranças. Quando o cacique está nas viagens em busca de nossos direitos, é o vice cacique que fica à frente, cuidando da aldeia. Algumas lideranças viajam com o cacique, e outras ficam com o vice cacique também na organização da comunidade.

A aldeia é um lugar onde moramos e vivemos nossa vida de Pataxó. É maravilhoso ser Pataxó e habitar na aldeia, tendo pleno contato com a nossa Mãe Natureza. Hoje nós lutamos pelos nossos direitos, os quais foram tirados de nossos ancestrais. Nesse local vivenciamos nossa tradição. Não temos presidente nem governo dominante. A nossa autoridade maior é o cacique, que ouve o povo, o pajé e os conselheiros, que são pessoas de muito respeito. O cacique em sua aldeia é como um pai para sua comunidade.

4.1. A aldeia Pé do Monte.

A aldeia Pé do Monte foi criada com a retomada do Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal, no dia 19 de agosto de 1999, e está localizada no município de Porto Seguro no Sul da Bahia (TI) Barra Velha. Quando ocorreu a Retomada do Monte Pascoal vieram cerca de 500 pessoas, de quatro etnias, são elas os Pataxó, os Maxakali, os Pataxó Hãhãhã e os Tupinambá. Com o passar do tempo, muitas pessoas foram voltando para suas aldeias e acabaram ficando aqui, nessa época, 35 famílias da etnia Pataxó, com 87 pessoas. A sobrevivência das famílias que restaram aqui vinha do turismo, com a visitação no Parque Nacional, onde os guias eram os próprios índios, e da confecção de artesanatos de penas e sementes. Algumas instituições como FUNAI, CIMI e outras, atuavam junto com indígenas para garantir que nós não fôssemos expulso, como das outras vezes.

Mas com o passar do tempo nossas lideranças viram a necessidade de ampliar mais um pouquinho nossa aldeia, pois o pedacinho que as 35 famílias moravam era muito pequeno, e não podíamos desmatar a floresta para nossos Kijêmi (casas), pois a área fazia parte do Parque Nacional do Monte Pascoal. A comunidade, então, resolveu, em 2000, fazer outra retomada na fazenda que se chama “Juíza”, porque o dono, que se chama Barbosa, tinha uma filha que era uma juíza, e, pelas histórias que eu já ouvi de nossos mais velhos, ela não gostava de índios.

Essa fazenda tinha uma pequena lavoura de cacau e um pedaço de pasto, que tivemos que limpar para fazer plantação de lavoura branca, com alimentos como mandioca, melancia, feijão, milho, dentre outros. Assim, a nossa aldeia foi crescendo. Nessa época da retomada da fazenda Juíza, Joel Braz era cacique, mas logo depois ele saiu da aldeia Pé do Monte e fez outra ocupação em uma outra fazenda, que se chama Dez Casas.

Como tinha ficado sem nem um cacique na nossa aldeia, as famílias que permaneceram pediram para que Guaru ocupassem esse lugar de cacique. Assim começou a luta desse guerreiro na busca de melhorias para a aldeia, principalmente a escola, pois os filhos das famílias que ficaram precisavam estudar e não tinha escola. Hoje nossa aldeia tem 55 famílias com 201 pessoas que vivem do turismo - - visitação no Parque, confecção de artesanatos de sementes, penas e madeiras, agricultura de lavoura branca, programas do Estado, como bolsa família. Alguns que trabalham como servidores públicos na escola. Temos também a nossa Associação da nossa aldeia, a APAPEM. Por meio onde da instituição, foi aprovado projeto de reflorestamento e produção de mudas, além do projeto de galinheiros galinheiro, que esteve prejudicado durante a pandemia de covid-19. Nossa comunidade Pé do Monte é umas das aldeias que buscam o fortalecimento de nossa cultura tradicional Pataxó através de nossos AWÊ HEHUÊ Sagrado, que acontecem na aldeia nas terças e sábados. Com o fim de fortalecer a nossa cultura e tradição, também procuramos preservar a nossa medicina tradicional Pataxó.

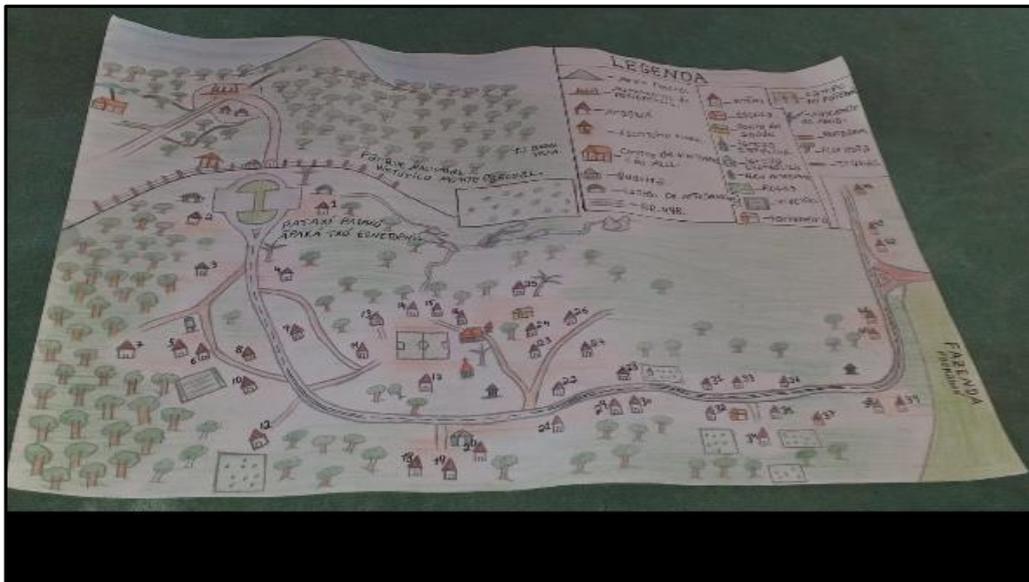


Figura 3 - Mapa da aldeia Pé do Monte. 2017, alunos 9º ano.

Fonte: Autora



Figura 4 - Aldeia Pé do Monte.

Fonte: ãdxeê Pataxó (11/09/2022)



Figura 5 - Aldeia Pé do monte, espaço onde localiza a escola, campo de futebol, Igreja e o poço artesiano.

Fonte: ãdxeê Pataxó. (11/09/2022)

4.2. A luta e a conquista do cacique Guaru pelos nossos direitos e pela permanência em nosso Território.

Os direitos dos Povos originários sobre o seu território estão previstos pela Constituição Brasileira de 1988, que em seus artigos 231 e 232, e no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias determina:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradição, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar os seus bens.

Art. 232. Os índios e suas organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Art 67 do ADCT: A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição.

As lutas dos Povos indígenas em busca de seus direitos começaram desde a invasão das nossas terras, quando delas fomos expulsos. A Constituição brasileira de 1988 estabeleceu o prazo de 5 anos para demarcação de todas as terras indígenas, mas já se passaram mais de 34 anos e a demarcação não aconteceu. Muitos de nossos mais velhos já se foram com a esperança de deixar seu povo em seu território garantido e legalizado. Nossos ancestrais lutaram pela carta declaratória de reconhecimento das terras indígenas. Muitos de nossos anciãos, aqueles que conhecem a história verdadeira do Brasil, sabem que antes dos invasores chegarem nessas terras estávamos nós, indígenas, que sofremos tanto para continuar existindo. Nossos caciques e lideranças sempre viajam para Brasília para cobrar dos governantes a assinatura da carta declaratória para que nosso povo fique em paz em seu território.

No ano de 1988 foi demarcado uma pequena parte do território Barra Velha, com 8.627 hectares, mais não foi e não é o suficiente. Além disso, de acordo com nossos mais velhos, o nosso território era muito maior. Hoje está delimitada uma área que está para ser homologada de 54 mil hectares, abrangendo a área do parque com 22.500 hectares de mata Atlântica. Mas esses 54 mil hectares ainda não são suficientes, pois a cada dia que passa o povo pataxó está crescendo, e precisa do seu território para viver em paz, com seu lugar para plantar e viver em harmonia com Mãe (Tanara) Natureza e a Mãe (hãhã) Terra.

No território originário do Povo Pataxó não havia cerca ou limite, tudo isso era nosso, mas com a chegada dos invasores tudo mudou e até nos dias atuais os nossos mais velhos sofrem ao lembrarem da humilhação que nossos ancestrais passaram, e nós, povos indígenas, sofremos bastante até hoje com a perda do território de onde nosso povo foi obrigado a sair, pois o território foi entregue aos grileiros e fazendeiros. E hoje nós, os verdadeiros donos, estamos sofrendo com a falta do nosso território para viver e sobreviver, principalmente agora, com o atual governo. O cacique Guaru cita em suas falas nas reuniões que desde pequeno que ele ouvia de seus pais que esse é nosso território de origem, e que nós

precisamos lutar para pegar tudo de volta que foi roubado de nossos antepassados. Invasores chegaram e roubaram traíram e enganaram o nosso povo, por objetos insignificantes, poluíram os nossos rios levaram nossas riquezas, e eu cresci na luta vendo a luta dos parentes. E até hoje nossos anciãos, juntamente com nós, jovens, continuam nessa luta em busca de nossos direitos, como diz o nosso cacique Guarú: uma saúde de qualidade, uma educação diferenciada e principalmente nosso território de origem, onde nosso povo não morrerá à mingua.

O atual Presidente da República, em suas campanhas, disse que não ia demarcar nem um milímetro de terra para índio, e ele está cumprindo o que disse, e fazendo ainda pior com os Povos Indígenas. Em plena pandemia do covid- 19, ele fez os Povos indígenas saírem de suas aldeias e irem para Brasília e para as pistas, reivindicar a permanência em nossos territórios, já que esses corruptos estão tentando criar leis para nos expulsarem dos nossos territórios. Uma dessas tentativas é a proposta de emenda constitucional 2015/2000, que propõe alterar a Constituição para transferir ao Congresso a decisão final sobre a demarcação de terras indígenas, território quilombolas e unidades de conservação no Brasil. Já a tese do marco temporal estabelece que as populações indígenas só podem reivindicar terras que ocupavam na data da promulgação da constituição, em 5 de outubro de 1988. Tanto a tese do a marco temporal quanto a PEC 2015 são afronta aos povos originários. Como nós, indígenas, poderíamos estar em nossos territórios na época promulgação da Constituição se nos expulsaram e negociaram nossas terras a troco de migalhas? A tese do marco temporal está atrelada ao Projeto de Lei 490/2007, fortemente apoiada pela bancada ruralista e é isso que eles querem: acabar com os 15% restantes de mata atlântica. E se for aprovado o marco temporal, isso vai afetar e dificultar o processo de demarcação de 303 terras indígenas, onde vivem cerca de 197 mil indígenas, inclusive nosso território indígena PATAXÓ.

E como citei acima, os nossos anciãos, anciãs, jovens, crianças e mulheres grávidas tiveram que ir para a luta, apesar da pandemia, pois se não fossem poderiam perder o seu território de onde nossos antepassados sofreram e morreram para estarmos aqui hoje. O cacique Guarú, juntamente com outros anciãos de outras comunidades, estava na comissão que foi para Brasília defender os nossos direitos. Nas reuniões e nas entrevistas que fiz com ele, ele diz que é muito sofrido fazer essas viagens, mas não tem outro jeito:

Precisamos ir à luta, ainda que para isso tenhamos dificuldades para nos alimentarmos, dormir, beber água. Eles querem nos cansar, mas não vão conseguir. O Presidente Bolsonaro colocou esses dois retrocessos para serem pautados em plena pandemia pensando que nós, indígenas, não iríamos à luta em busca de nossos direitos, mas não foi dessa vez que ele venceu, pois, os povos indígenas nunca fugiram da luta. Somente no mês de setembro nós viajamos para Brasília 3 vezes seguidas para derrubar essas leis que eles criam para tirar, roubar os nossos direitos, e nós caciques já saímos de nossas bases e deixamos certos com nossa comunidade que no dia da votação e para todos se mobilizarem para irem para luta e fazer o fechamento

das rodovias para nos ajudar a dar pressão os governantes e eles verem que somos nós Povos Indígenas os verdadeiros donos dessas terras.

(Fala do cacique Guaru 26/06/2021)



Figura 6 - Cacique Guaru juntamente com outros Parentes em Brasília, na luta pelo nosso Território.

Fonte: Autor desconhecido.



Figura 7 - Movimento na BR 101 em defesas de nosso território e a participação do cacique Guaru.

Fonte: Jaçanã Pataxó.



Figura 8 - Cacique Guaru na preparação do incenso com ervas medicinais, para proteção na luta.

Fonte: Autor desconhecido.

4.3. Escola.

Quando aconteceu a Retomada do nosso lugar sagrado o Parque Nacional do Monte Pascoal, Terra indígena Pataxó, no dia 19 de agosto de 1999, as famílias que ficaram tiveram que lutar bastante para conseguir a implantação de uma escola, já que a escola mais próxima ficava a 14 k/m na aldeia Boca da Mata; uma segunda escola ficava a 35 Km, na cidade de Itamaraju. Mesmo para estas instituições não podíamos ir, diante de todos os conflitos da época e também pela falta de transporte. E foi aí que teve início a batalha e cobranças do cacique para abrir uma escola, cobrando do nosso município, que é Porto Seguro. Com muita luta, no ano 2021, nosso cacique com as lideranças conseguiu abrir uma sala, como extensão da aldeia Boca da Mata, e os materiais que vinham para a nossa aldeia, para nossa sala, eram da aldeia Boca da Mata. Muitas vezes o que vinha não era o suficiente, como carteiras, livros e até mesmo merendas. Tudo era repartido entre as aldeias, as extensões, e não eram muitas coisas, até porque esses governantes de nosso país nunca nos favoreceram. Nosso cacique também teve muita dificuldade para conseguir uma professora, pois nessa época nós não tínhamos professores indígenas para trabalhar em nossa aldeia, e os que tinham já trabalhavam em outras aldeias. O cacique, então, teve que procurar uma professora não indígena que se chamava Cleodene, da cidade de Teixeira de Freitas, e ela começou a lecionar uma sala no formato multisseriado, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

A nossa primeira sala de aula foi em uma parte de uma casa que está localizada dentro do Parque Nacional, o centro de visitantes, mas era um pouco longe, e quando chovia a situação piorava, pois não tinha transporte para levar os alunos da aldeia, que ficava a 700 metros da aldeia. Ficamos estudando nessa sala do centro de visitantes por cerca de 2 anos, mas a nossa comunidade sempre preocupada, então o cacique reuniu a comunidade, e juntos, em mutirão, construíram uma cabana dentro da aldeia. Em 2000, como já disse, retomamos uma fazenda chamada Juíza, que fica a cerca de 400 metros da guarita do Parque. Nessa fazenda tinha uma casa que se chamava barçaça e tivemos também que transformar esse espaço em uma sala de aula, pois os números de alunos estavam crescendo. Também precisávamos de outra professora, e o cacique outra vez foi em Porto Seguro cobrar mais um contrato para outra professora. O cacique conseguiu contratar uma docente chamada Cida, da cidade de Itamaraju. Ela lecionava para os alunos do 3º e 4º ano. Como o cacique nunca desistiu, e em suas viagens estava sempre em busca de nossos direitos, continuou cobrando uma escola de qualidade para sua comunidade. Com o passar do tempo, a cabana que foi construída próximo à guarita foi deixada para as reuniões e encontros da comunidade, e foi construída uma outra cabana na fazenda que foi retomada, pois essa segunda ocupação ficou sendo o centro da aldeia. Quando a professora Cleodene teve que ir embora pois estava grávida, o cacique em busca de outra professora, e foi aí que veio trabalhar na aldeia uma mulher que se chama Regiane da cidade de Itamaraju.

No ano de 2004, o cacique conseguiu a construção de uma escola com 2 salas, 2 banheiros e uma cantina, mas como o espaço não era suficiente, umas das cabanas continuou sendo sala de aula.

Para atender os nossos alunos, o cacique convidou a comunidade para que juntos pudéssemos comprar os materiais e construir mais uma sala de aula, e juntos marcaram um dia para erguer esse espaço, para que nossas crianças tivessem um futuro melhor. Não podíamos esperar pelos governantes e fizemos nós mesmos. Com a escola e o estudo, fomos nos capacitando.

No ano de 2014, dois parentes e eu terminamos o ensino médio. Como nossa escola estava precisando de professores, nós resolvemos ocupar essas vagas. Eu comecei a lecionar com uma matéria História de Porto Seguro (H.P.S). Essa matéria tratava mais sobre a história do meu povo, que eu aprendi muito. O cacique, juntamente com nossas lideranças, seguiu cobrando uma ampliação para nossa escola, que precisava de mais duas salas, uma cantina com mais espaços e uma biblioteca. No início do ano de 2019, o nosso cacique trouxe a notícia de que nossa escola iria ser ampliada com mais duas salas, e mais dois banheiros. No começo do ano de 2020 antes da pandemia, começaram a chegar os materiais para a construção das salas. A construção teve início, mas veio a pandemia e junto com ela veio a mudança de governantes do município. As obras ficaram por algum tempo paradas, apesar das cobranças do cacique. Eles vieram construir as nossas salas e tiveram que derrubar a sala que nossa comunidade construiu.

Após ficarmos quase dois anos parados graças a Deus a situação está aos poucos se normalizado em nossa aldeia, então voltamos às nossas aulas presenciais. Por falta de espaço, fomos obrigados a abrir a igreja para iniciar as aulas lá dentro, pois as duas salas que eram para estar prontas ainda não estão. Mesmo sem espaço suficiente tivemos que começar, já que nossos alunos já tinham ficado muito tempo fora da sala de aula. Logo que começamos, o cacique juntamente com a coordenadora fez documentos e sempre que tinham reunião com o pessoal da prefeitura cobravam a construção das duas salas para suprir a necessidade de nossos alunos. No começo do mês maio De 20220 a prefeitura contratou a empresa para terminar essas duas salas , e no final do mês eles terminaram, graças ao nosso pai Niamisũ e à cobrança de nosso cacique e lideranças. Hoje em nossa escola trabalham 6 professores indígenas e 3 não índios, com 85 alunos desde do Pré I ao 9º ano do ensino fundamental II. O espaço inda não é o suficiente, mas com cobranças e lutas aos poucos vamos conquistando os nossos espaços de qualidade.



Figura 9 - Centro de visitante. A primeira escola de nossa aldeia.

Fonte: Poytã Pataxó)



Figura 10 - Atual escola da Aldeia Pé do Monte.

Fonte: Jaçanã Pataxó



Figura 11 - Cacique Guarú juntamente com alunos e lideranças.

Fonte: Jaçanã Pataxó.



Figura 12 - A escola e as duas salinhas que com muita luta e cobranças estão prontas.

Fonte: Ædxehe Pataxó. (10/09/2022).

4.4. Saúde Indígena

O Cacique Guarú desde de jovem está na luta, até porque ele é filho de uma liderança de grande importância na história do povo Pataxó. Antes de ser cacique aqui na aldeia Pé do Monte ele já foi vice cacique de seu irmão Alfredo na aldeia Boca da Mata, liderança com seu pai e sempre acompanhou seu pai e irmão. Quando aconteceu a retomada da nossa aldeia Pé do Monte, em 19 de agosto de 1999, ele continuou na luta em busca de nossos direitos, porque como diz nossos mais velhos “quem é filho de guerreiro nunca foge da luta”. E como nossa aldeia era recém-criada, uma das principais demandas era a da saúde indígena. Nas outras aldeias havia equipes médicas para fazer o atendimento dentro da própria aldeia, e transporte para levar os paciente para os hospitais. Nunca foi fácil para nós indígenas pois só de lembrar do sofrimento e das mortes causadas pelas doenças trazidas pelos invasores na época do “Descobrimento”. E assim os povos indígenas continuaram sofrendo sem apoio de nenhuma das autoridades. Por volta do ano de 1967, quando foi criado o órgão da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) responsável por garantir a proteção dos direitos dos povos indígenas, segundo os nossos mais velhos era Funai que cuidava dos indígenas e dos serviços básicos dos territórios, saúde, educação e outras necessidades. Entre 1991 e 2010, a gestão dos serviços de saúde indígena passou a ser responsabilidade da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Depois que esse órgão passou a cuidar da saúde dos Povos indígenas, melhorou um pouco, mas não foi o suficiente. A partir do meado do ano de 2010, a gestão passou a ficar a cargo da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), que é responsável por coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.

No ano de 2018, o cacique Guarú junto de mais três caciques fizeram uma viagem a Salvador para fazer cobranças de um médico para a equipe de saúde de seis aldeias: Pé do Monte, Guaxuma, Trevo do Parque, Jitaí, Nova Esperança e Aldeia Nova. Esses guerreiros foram e levaram o recado da necessidade e do sofrimento que seu povo comunidade e parentes estavam passando por falta de médico para acompanhar a equipe nas aldeias e fazer os atendimentos dentro das aldeias. Na volta dessa viagem aconteceu uma grande tragédia, um acidente muito triste com esses guerreiros. Um desses caciques, conhecido como Tapera Pataxó, veio a óbito, e os outros caciques ficaram muito feridos. Cacique Guarú se machucou muito, e até hoje ele sente até hoje muitas dores. Por causa do acidente, ele tem muita dificuldade para fazer viagens e trabalhos pesados, pois a dor é muito intensa.

Uma das razões que me levaram a fazer esse trabalho sobre o cacique foi o fato de que, devido ao acidente, o cacique tem percebido perda de memória. Depois de ouvi-lo dizer isso, compreendi a importância desse registro sobre suas lutas. Depois que aconteceu que ele sofreu o acidente ele não é aquele homem mais com bastante saúde, volta meia eu o vejo reclamando de muitas dores no corpo, na cabeça e agora esses dias estava falando que parece que estava ficando surdo, então hoje depois desse grave acidente o nosso cacique sofre bastante.

Após a cobrança feita na viagem para Salvador, quando houve o acidente, resultou na presença de um médico na aldeia, mas o profissional não ficou por muito tempo. Desde novembro do ano de 2021 estamos sofrendo com a falta desse profissional. Também estamos sem enfermeira na equipe que atende a essas sete aldeias, pois a indígena que trabalhava na equipe saiu de licença maternidade e até hoje não houve contratação de outro profissional para suprir essa necessidade. Quem sofre somos nós indígenas na base, porque também estamos só com um veículo de saúde para atender essas 7 aldeias, e ainda já vem com uma ordem lá dos chefes que só é para levar aqueles pacientes que estão muito doentes, ou seja, já morrendo. Quando vamos por conta própria para os hospitais as coisas ficam mais difíceis ainda, pois ficamos horas e horas nas filas para sermos atendidos, apesar de nós indígenas termos o direito em a saúde diferenciada e de qualidade.

Podemos ver também as reivindicações sobre as quais venho falando neste texto no documento, que está no anexo deste trabalho, enviado a parceiros e apoiadores. Na nossa aldeia não tem postinho de saúde ainda, mas não faltam documentos e cobranças de nosso cacique para a construção desse espaço para melhor atender nossa comunidade. O cacique, preocupado com esse lugar para o atendimento médico, fez uma reunião com as famílias da aldeia e explicou a importância de construir esse espaço, e que precisávamos do apoio e ajuda de cada um, e ficou certo que cada uma das famílias iria doar uma quantia, então ficou combinado para uma das lideranças passar na casa dos parentes para arrecadar esse kayábá. As parentes que trabalham no SASAI também contribuíram para a construção do espaço. Com o Kayábá nas mãos o cacique juntamente com algumas lideranças foram comprar alguns materiais como a Eternit e pregos, pois as tábuas iríamos retirar de algumas madeiras que já estavam caídas no chão. E com a força de vontade de todos fizemos a um Kijêmi para o atendimento do médico na nossa aldeia. Começou, então, o atendimento, o espaço feito pelos nossos parentes, mas não é o suficiente pois ficou

muito apertado, com duas salinhas. Com a construção das nossas salas de aula, pudemos a Igreja católica para o atendimento médico, para reuniões e para dormitório dentro quando acontece algum evento na comunidade. O cacique e lideranças continuam cobrando esse postinho de saúde para nossa comunidade pois não podemos deixar de cobrar os nossos direitos assegurados por lei, honrando as lutas e sangue derramado de nossos guerreiros que lutaram por uma vida melhor para seu povo.

4.5. Energia elétrica e MIÃGA (água) de qualidade

Com todas as dificuldades e cobranças que nossa comunidade vinha sofrendo por falta da energia elétrica, pois a energia também é muito importante, não só para conservar os alimentos, mas para nos mantermos informados do que está acontecendo fora dos nossos territórios e até mesmo dentro dos nossos territórios. O cacique e lideranças sempre que viajavam para Brasília eles faziam cobranças aos órgãos competentes para que eles pudessem instalar a energia na comunidade. Com auxílio das organizações indígenas FINPAT e MOPOIBA, no ano de 2013 foi instalado a energia elétrica na comunidade. Nessa época, quando foi feita a instalação, havia 35 famílias. Hoje a aldeia está com 55 famílias. O cacique juntos com as organizações indígenas fizeram solicitação para que venham fazer a ampliação da energia elétrica para as casas dos outros parentes, e no corrente ano o cacique disse que ele recebeu uma ligação do parente Cacique Aruã Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, Presidente da FINPAT, pedindo que era para o cacique fazer uma lista de quantas casas estão faltando a instalação de energia elétrica. O cacique fala também que a energia é muito importante porque através da energia que o poço artesiano funciona, que foi outra importante conquista. Foram perfurados 4 poços na aldeia, mas devido ao fato de terem sido perfurados em lugares inadequados, com o passar do tempo eles acabam secando. É o que está acontecendo o nosso último poço que abastecia a comunidade. No ano passado, nos meses de julho e agosto, em plena pandemia, ficamos cerca de 20 dias sem água, e para sarnar as nossas necessidades foram enviados documentos e cobranças realizados por telefones aos gestores e passageiros em Porto Seguro, citando a falta de água na aldeia. Após muitas cobranças, enviaram umas 5 vezes um carro pipa para abastecer a comunidade. Ainda estamos sofrendo, porque o poço que abastece a aldeia é antigo e insuficiente para abastecer toda a comunidade. Além disso, como é ligado somente uma vez na semana, temos que reservar água. Com isso, as famílias que têm sua pequena agricultura e hortaliças nos fundos dos quintais desistiram das plantações, em função da falta da água para irrigar.

Nossas lideranças e o cacique continuam cobrando a perfuração de um outro poço artesiano em um lugar adequado, porque ainda que moremos nesse Parque com 22.500 hectares de florestas, a água aqui é muito difícil, por causa das muitas pedras. Quando nós viemos retomar o Parque Nacional só tinha dois minadores, dos quais a água saía das pedras, mas não era de qualidade, e com essa água suja e poluída as crianças da aldeia tinham muitos vermes, diarreia e dentre outras doenças causadas pela água contaminada. E depois que foi perfurado o poço artesiano e começamos a consumir (MIÃGA) água limpa e qualidade, tratada graças ao nosso grande (NIAMISŨ) Deus. Melhorou bastante.



Figura 13 - Casa do Poço Artesiano que abastece a comunidade.

Fonte: Ádxehtë Pataxó. (11/09/2022).

4.6. Festa de Resistência e Luta Pataxó: Kãdawê Nuhatê Pataxó

Na época da retomada do Monte Pascoal, quando foi criada a aldeia Pé do Monte, o cacique Joel Braz, juntamente com o Conselho de caciques e outros caciques, lideranças e comunidades, realizavam na aldeia Pé do Monte a assembleia que era chamado de FRENTE de RESISTÊNCIA. Nesse encontro, eram tratados assuntos importantes para o nosso povo. Participavam também algumas instituições que apoiavam a causa dos Povos Indígenas, como a FUNAI e CIMI. Por volta do ano de 2007, os parentes deixaram de realizar esses encontros, que aconteciam em agosto, aniversário da nossa aldeia Pé do Monte. Porém, no ano de 2013, diante da necessidade de fortalecer as nossas lutas, afirmar nossa existência e denunciar sofrimento vivido por nós, povos indígenas, o cacique Guaru juntamente com o guerreiro Tohõ Pataxó (professor de cultura) e parentes de outras comunidades, que também sentiam a falta desses encontros, foram em busca do fortalecimento da grande assembleia de caciques e lideranças, lutando pelo fortalecimento da nossa cultura e tradição. Para fortalecer o idioma Pataxó (PATXÔHÃ), mudamos o nome de FRENTE de RESISTÊNCIA PATAXÓ para KÃDAWÊ NUHATÊ PATAXÓ, que significa FESTA de RESISTÊNCIA e LUTA PATAXÓ. Assim foi no dia 19 de agosto

do ano de 2013, data do aniversário da nossa aldeia Pé do Monte, que voltou a acontecer nossos encontros.

Nos tempos atuais, com esse governo que não respeita os direitos dos povos originários, esse tipo de iniciativa é cada vez mais fundamental. Neste ano de 2022, no dia 19 de agosto, nossa aldeia completou 23 anos de muitas lutas, e claro que nós também realizamos o nosso XXIII KĀDAWÊ NUHATÊ PATAXÓ. Neste ano tivemos um desfile Cultural Pataxó, povo Guerreiro que com 522 anos de contanto forçado com ãdxihí (homem branco), permanece firme e forte na luta. Nesse grande momento foi feito um pedido de socorro às autoridades e apoiadores da causa indígena para proteção dos povos indígenas. Como citei acima, nesses últimos 4 anos desse governo atual estamos sofrendo. As vidas de muitos parentes estão sendo tiradas, como aconteceu na noite do dia 3 para o dia 4 do mês de setembro, quando nosso povo, na busca de ocupar uma parte de nosso território da TI Comexatiba, foi surpreendido à noite com a chegadas de pistoleiro, o que resultou na morte de uma criança de 14 anos, o Guerreiro Gustavo Silva. A vida dessa criança que tinha toda uma história pela frente e sonhos foi interrompida por meliantes. O Povo Pataxó está de luto, com o coração partido, e muito triste. Escrevo esse texto com lágrimas nos olhos, pois nesse exato momento que estou escrevendo esse acontecimento que ainda está muito presente, a Aldeia Nova, que fica uns 3 Km da aldeia Pé do Monte está sendo atacada, e as crianças e as mulheres estão todos aflitos. Estou escrevendo e rezando e pedindo ao nosso Grande criador Niamisũ que proteja meus parentes, pois nós só queremos o que é nosso por direito, e que há muitos anos atrás foi tomado dos verdadeiros donos, os Povos Originários.



Figura 14 - Momento de nosso encontro Kādawê Nuhatê Pataxó. Fonte: Tohõ Pataxó. (18/08/2022)



Figura 15 - Parentes Pataxó no fortalecimento da cultura Pataxó, Kādawê Nuhatê. Fonte: Tarugo Pataxó. (18/08/2022)



Figura 16 - Momento histórico do nosso encontro do Kādawê Nuhatê, em cima do nosso Monumento de Resistência. Fonte: Tarugo Pataxó. (19/08/2022)



Figura 17 - Cacique Guarú Pataxó juntamente com uma apoiadora da nossa causa na apresentação de um projeto de sustentabilidade no Kādawê Nuhatê. Fonte: Tarugo Pataxó.(19/08/2022)

5. CONSIDERAÇÕES FINAS

Quando pensei em desenvolver essa pesquisa foi para mostrar às nossas comunidades indígenas Pataxó o valor a importância que tem nossos caciques de nossas comunidades. A pesquisa sobre esse guerreiro foi a partir de minhas observações de ver esse guerreiro correndo atrás, cobrando as melhorias para nossa aldeia e investindo toda a sua força de vontade em fazer acontecer. Durante a pesquisa para a realização de meu trabalho, a cada ponto registrado eu ficava pensando quanta luta e quantas vezes esse guerreiro precisou sair da aldeia para fazer essas cobranças, para que tudo que temos agora está aqui. Nada vem fácil para nossas aldeias, tudo tem que ser na base do lutar, do reunir documentos e mais documentos. Muitas cobranças foram necessárias para nesses dias atuais termos uma água de qualidade, a nossa escola, a energia elétrica, uma equipe de saúde para vir fazer a atendimento na aldeia. Nossos caciques estão na frente pelo nosso bem maior, o Território.

Concluo meu trabalho com cada vez mais respeito por guerreiros caciques e anciãos das nossas aldeias, que sempre estão na luta em buscar de melhorias para sua comunidade e Povo. É por causa da coragem e do trabalho incansável desses parentes que nós, indígenas, estamos cursando faculdade. Quantas vezes nossos caciques faziam viagem para cobrar uma educação de qualidade, para que abrissem as portas das faculdades para nós nos capacitarmos e voltarmos para nossas aldeias e ajudarmos nosso povo, em qualquer área que seja. Esse era o sonho de nossos parentes anciãos e cacique: nos capacitar para lutar pelos nossos direitos. Em minhas entrevistas com esse guerreiro Cacique Guarú Pataxó, ele cita que essa missão de ser cacique não é fácil, mas que é preciso estar à frente das lutas para defender sua comunidade e seu povo. Também em nossos encontros ele manda um recado para nós estudantes que estamos na faculdade:

A mensagem que eu quero dizer para os nossos parentes e parentas que estão estudando hoje na faculdade é que eles estudam, e pegam muito com Deus para e que iluminem a cabeça de cada um deles, porque eles estudando se formando em advogado, médico e outras profissões, Isso para a gente é muito importante, por que vamos ter mais um parceiro para lutar. Hoje nós precisamos de advogados, precisa de juiz, nós precisamos de médico, estar entendendo? Então vocês que estão estudando, vocês estudam porque o emprego de vocês está na aldeia. Vocês se formando, o emprego está aqui na aldeia estar entendendo? Vocês não se preocupam com emprego. Preocupa com vocês estudar, aprender, e voltar para sua aldeia e ajudar as lideranças e seu povo, estar entendendo? É esse é meu recado que eu quero deixar para vocês, e pode contar com o meu apoio.

Guarú Pataxó.

Então essa é a fala de um guerreiro que sempre está em defesa da mãe Tanara, Hãhã e seu povo, o povo Pataxó que nunca desiste de luta, com 523 anos de contato forçado e com a perda de seus

direitos. E por final quero agradecer imensamente ao guerreiro Guarú Pataxó, pelo seu tempo, e apoio na conclusão desse trabalho. E que nosso criador abençoe fortemente nessa longa luta e caminhada pelos nossos direitos. Quero agradecer à minha aldeia Pé do Monte, e principalmente a todas as lideranças, com destaque aos guerreiros Tohõ Pataxó, Tarugo Pataxó, Poytãg Pataxó e Amip Pataxó, e à guerreira Ikihã Pataxó, que cederam um pouco do tempo deles para me ajudarem em meu trabalho. AWÊRY TUPÃ

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de. *Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico*. 1977. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFBA, Salvador.

CESE. *Uma história de resistência Pataxó. Professores indígenas do Extremo Sul da Bahia (Org.)*. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista, 2007.

PATAXÓ, Povo. *Inventário cultural pataxó: tradições do povo pataxó do extremo Sul da Bahia*. Bahia: Atxohã/Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011. Disponível em: <https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/invent%C3%A1rio%20cultural%20patax%C3%B3.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

PATAXÓ, Povo. *Uma história de resistência Pataxó*. Brasil, ANAI, 2007.

SANTOS, Leandro Braz. *História do Ponto de vista Pataxó: Território e violações de direitos Indígenas no Extremo Sul da Bahia*. Bahia, 2017. Trabalho de conclusão de curso apresentado á Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades.

ANEXOS

Documento de reivindicações

**Aldeia Pataxó Pé do Monte**

Porto Seguro, 27 de fevereiro de 2022.

OF: 025/ 2022

DA: APAPEM.

PARA: Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes/ Ministério da Saúde e Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), Sr. Robson Santos da Silva

Senhores (as),

Ao cumprimentá-los (as) cordialmente gostaríamos de informá-los (as) que **nós, Lideranças e Membros da Associação Pataxó, (APAPEM), Organização de Mulheres e Grupo Jovem Pataxó da Aldeia Pé do Monte (GJPAPM), representantes legais das 55 famílias com mais de 206 pessoas, localizada no Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal/ Terra Indígena Pataxó Barra Velha no Marco Histórico da Resistência dos Povos Indígenas do Brasil.**

Vimos por meios deste comunicá-los (as) aos senhores (as), que por motivo de emergência com falta de abastecimento de água na comunidade estamos passando por dificuldades, pois um dos poços que abasteciam a aldeia secou e o outro não tem a capacidade para abastecer nossa comunidade. Diante de tudo isso a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) diz que não têm recursos para perfurar outro poço artesiano para suprir as necessidades da comunidade. Estamos vivendo momentos difíceis por conta do COVID 19 e suas variantes e, sem MIÁGA (ÁGUA) fica ainda mais difícil. MIÁGA MÊ'Á KAHAB (ÁGUA É VIDA), por isso nós lideranças e comunidade pedimos que a vossa (as) excelência (as) possa nos ajudar com a perfuração do poço artesiano com urgência, pois nossa comunidade tem dia que não tem uma gota de água para beber. Pedimos a perfuração de um poço artesiano equipado e que possa suprir as demandas de nossa aldeia. Lembrando que nossos parentes têm vontade de melhorar sua agricultura como plantação de cacau, pimenta do reino, cupuaçu, café, açaí, hortaliças e etc... Como não tem água suficiente ficam impossibilitado de crescer sua agricultura familiar, para assim também poder gerar renda e movimentar ainda mais a economia da aldeia, do campo, da cidade e etc. E com a falta de água na comunidade fica ainda mais ruim de desenvolver umas das pequenas fontes de renda que é o Etno e Ecoturismos no Parque Nacional Histórico Monte Pascoal, que já vem sendo desenvolvido por mais de 21 anos e que na maioria das vezes não temos apoios dos governos federal, estadual e municipal para lidar com o turismo em nossa aldeia e, que através do turismo possamos lutar em pró da sustentabilidade e etc. Por isso, pedimos encarecidamente que olhem para nosso povo.

Aldeia Pataxó Pé do Monte/ Terra Indígena Pataxó Barra Velha
Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal/ 150 km do Centro de Porto Seguro- BA

Demandas:

- 1- Poço artesiano equipado para atender as demandas da comunidade.
- 2- Equipe médica completa, porque atualmente não estamos com o médico e nem enfermeira para atender a as aldeias: Pé do Monte, Aldeia Nova, Corumbauzinho, Nova Esperança, Jitaí, Guaxuma Trevo 1, Trevo 2 (Kroxxí), pois o médico pediu para sair do trabalho e a enfermeira está de licença maternidade e, que será preciso de uma enfermeira para tirar a licença da mesma.
- 3- Posto de saúde nas comunidades nas aldeias que não existem ainda, pois a equipe médica atendem debaixo das árvores e na escola quando não tem aula.
- 4- Cadeira adequada para o dentista extrair o dente do paciente.
- 5- Mais um (1) carro com mais um motorista para dá suporte à essas comunidades, pois temos um carro com dois motoristas que trabalham com essas comunidades, mas quando quebra fica muito difícil de atender as comunidades supracitadas e demais comunidades e para dois motoristas ficam muito cansativo. Vendo a hora de acontecer algo de trágico com os motoristas e com pacientes devido o cansaço físico dos mesmos.
- 6- Rede banheiros nas aldeias.

De acordo com a **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diz que: Princípios**

Art. 1º As ações e atividades voltadas para o alcance dos objetivos da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais deverão ocorrer de forma intersetorial, integrada, coordenada, sistemática, e observar os princípios:

I - o reconhecimento, valorização, e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, dentre outros aspectos, os recortes etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, entre outros, bem como a relação desses em cada comunidade ou povo, de modo não desrespeitar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidade ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade.

II - a visibilidade dos povos e comunidades tradicionais deve se expressar por meio do pleno e efetivo exercício da cidadania.

III – a segurança alimentar e nutricional como direito dos povos e comunidades tradicionais ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis;

Aldeia Pataxó Pé do Monte/ Terra Indígena Pataxó Barra Velha
Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal/ 150 km do Centro de Porto Seguro- BA

V – o desenvolvimento sustentável como promoção da melhoria da qualidade de vida dos povos e comunidades tradicionais nas gerações atuais, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras e respeitando os seus modos de vida e as suas tradições.

Agradecemos a compreensão e contamos com apoio e parceria de vossa excelência!

Segue abaixo assinatura do cacique Guaru Pataxó representante legal de nossa comunidade:

Oziel Santana Ferreira

Oziel Santana Ferreira- Guaru Pataxó/ Conselho local de saúde/ Pé do Monte

WhatsApp: (73) 9 9862-0134- Guaru Pataxó

WhatsApp: (73) 9 9997-4619 Tohõ Pataxó

Aldeia Pataxó Pé do Monte/ Terra Indígena Pataxó Barra Velha
Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal/ 150 km do Centro de Porto Seguro- BA

Alguns depoimentos sobre o Cacique Guarú Pataxó:



Meu nome é André de Oliveira Braz (Poytãg Pataxó), moro na aldeia Pé do Monte e tenho 22 anos de idade. Sou liderança da minha comunidade. FalaR sobre esse guerreiro, o nosso cacique da aldeia Pé do Monte, é muito gratificante, porque conheço a luta desse guerreiro desde de quando me entendo por gente, como dizem nossos mais velhos. O Cacique Guarú é um grande guerreiro que sempre está na luta em busca pelos nossos direitos, e o principal, o nosso território que foi roubado de nossos anciões e hoje nós sofremos devido a isso tudo que aconteceu com nosso território. Principalmente nessa pandemia da Covid 19, quando nossos caciques tiveram né de viajar para lutar pelos nossos direitos, e o Guarú também participou dessa viagem na luta para reivindicar os nossos direitos. Eu não me lembro bem a data, mas foi em uma dessas viagem que ele fez para Salvador, na cobrança de um médico para atender seu povo, que ele sofreu um acidente, mas graças ao nosso pai Niamisũ ele tá junto conosco, e sempre nas lutas para melhoria da nossa comunidade e nosso povo. Ele é um guerreiro que admiro muito e tenho um grande respeito, e esses 3 anos de liderança aprendi muito com ele. E para terminar eu acho muito importante esse trabalho de escrever as lutas incansáveis desse guerreiro, porque só assim nossos filhos, netos e nossas futuras gerações conhecerão as histórias e lutas desse guerreiro. Awêry



Então, eu me chamo Tohõ Pataxó, moro na aldeia Pataxó Pé do Monte e atualmente estou na escola como Professor da língua materna Patxôhã. E aqui vou falar um pouco sobre a trajetória de luta do guerreiro Guarú Pataxó o cacique o Oziel Santana da aldeia Pé do Monte. Desde de quando nós conhecemos nossos parentes que somos filhos dessa terra, território Pataxó da aldeia Barra Velha, território Pataxó Coroa Vermelha e dentre outros territórios. Então, o nosso guerreiro Guarú é um grande guerreiro, que desde jovem, como ele sempre fala nas reuniões, ingressou na luta, desde os 18 anos de idade com seu pai e irmão. Após uns tempos de lutas, se tornou vice Cacique de seu irmão, o Alfredo Santana. Também seu pai que era cacique anteriormente, também da aldeia Boca da mata. Com a retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal e a criação da aldeia Pé do Monte, os caciques anteriormente foram embora, então nós da comunidade, como antes dele ser cacique ele já tinha uma história de lutas, e um guerreiro que tinha muitas forças de vontade de ajudar seu povo e principalmente sua comunidade, ele o Guarú Pataxó foi escolhido para ser Cacique daqui da nossa aldeia. Então, assim, ele é um grande guerreiro de luta e resistência do Povo Pataxó, é uns dos grandes Caciques também do Território de Barra Velha e do Povo Pataxó, está sempre nessa caminhada de luta, nessa batalha e conscientizando na luta Pataxó. E ele sempre está aí na conscientização e incentivando a sua comunidade, os jovens a ingressar e também manter sua própria cultura.



Então, meu nome é Erenilton Braz de Jesus (Tarugo Pataxó), moro na aldeia Pé do Monte no Território Barra Velha. Fui convidado por Jaçanã para fala um pouco sobre o Cacique Guarú né (Oziel Santana), o cacique de nossa aldeia Pé do Monte. E desde pequeno que conheço esse guerreiro e vejo ele na luta em buscas de melhorias para nossa aldeia. Na nossa aldeia só tem escola, poço artesiano, energia e dentre outras coisas graças a ele. Com sua luta incansável, a nossa aldeia está caminhando em busca de melhorias para nós que moramos aqui. O cacique Guarú é um guerreiro que conhece bastante sobre as histórias de nosso Povo, e sempre gosto de observar essas falas que vem contando o sofrimento de nossos antepassados, o quanto tiveram que lutar para ele estrar hoje aqui nesse Pé de pedra contando essa história aqui na nossa aldeia. E também sempre saio para algumas reuniões com ele em outras aldeias, e vejo o quanto ele é respeitado pelos nosso Povo e caciques, e ele é uns dos guerreiros que sempre está nas viagens em Brasília nas cobranças na demarcação de nosso território. E foi em umas dessas viagens lutas e melhorias para sua comunidade que ele sofreu um acidente muito grave, na qual nós perdemos um parente, e ficamos muito triste, pois esses guerreiros só queriam ajudar suas comunidades na busca de um médico para o atendimento dentro das nossas próprias aldeias. E nossos caciques são nossas bases e devemos ter um grande respeito e também ajudar nas caminhadas para trazer coisas boas para nossas aldeias. Aqui encerro minha fala com muito respeito a esse guerreiro de nossa aldeia Pé do Monte o Guerreiro Guarú Pataxó. Que nosso grande pai NIAMISÛ proteja ele nessas caminhadas em busca de seus e nossos objetivos. AWÊRY SIRATÃ



Eu me chamo Ana Karina (IKHÃ Pataxó), tenho 26 anos de idade, e sou professora da comunidade da escola Indígena Pataxó Pé do Monte. Venho aqui trazer minhas reflexões em relação à história de convivências com o Cacique Guaru Pataxó. Não conheço o suficiente para dizer que sei tudo, mas a convivência e o diálogo nos trazem um grande conhecimento da pessoa que ele se tornou hoje, não só para sua comunidade onde ele é cacique, mas para um coletivo imenso de lutas, de história, de conquistas, digo isso em relação as histórias de lutas do nosso Povo, no qual ele vem fazendo seu trabalho. E já conheço né um pouco da história dele, da família dele enquanto pessoas que estão mesmo na luta né, onde trago a história do pai dele SR. Manoel Santana, que é uma das pessoas de grande referência para nós, jovens, por conta de sua história. É uma pessoa que influenciou também a luta, e vem trazendo um grande destaque pra gente por conta de sua história, e isso não é diferente também na pessoa do cacique Guaru, que vem aí trazendo uma trajetória de vida, uma trajetória de luta e uma trajetória de grandes experiências. Ele aprendeu com seu pai seguiu no caminho que pudesse buscar mais conhecimentos. Ele mesmo fala que ele quando era criança, ele viu seu pai indo pra as reuniões, então ele focou em seguir esse caminho, e hoje na idade que ele tem, 63 anos ele tá aí como cacique de nossa comunidade. Ele começou bem cedo, aos 15 anos de idade, quando já viajava com as lideranças mais velhos, e isso que vem nos fortalecendo também na questão de estar seguindo essas lideranças. A gente vê que lutaram e continuam lutando, e também nos fortalecendo. Complementando, em relação às falas dele, ele traz um diálogo entre os jovens de muito incentivo. Ele é aquele cacique que viaja muito e tem esse retorno. Ele viaja, ele busca e ele nos dá esse retorno de como foi esse aprendizado pra ele, então além dele ser um pai para a família dele, ele também é um pai para nossa comunidade inteira,

pois vem incentivando os jovens né. Desde quando comecei a trabalhar nessa comunidade eu vejo a motivação dele em incentivar os jovens em focarem nos estudos. Ele sempre diz que hoje a gente deve de lutar com a caneta. Então além dele ser um pai para a família dele, é um pai para a comunidade inteira também. Foi em umas dessas caminhadas que ele sofreu acidente por conta de estar buscando melhorias para sua comunidade. Falar da pessoa de Guaru é falar é com muito respeito, porque a gente sabe o quanto que uma liderança sofre, né, em questão de tá saindo fazendo essas viagem e nós sabemos o quanto que é muito desafiador e muito perigoso também porque hoje diante da situação, principalmente de um líder indígena, e se tratando da vida, são muito perseguidos. E ele é um grande guerreiro na minha visão, enquanto jovem e moradora dessa comunidade e tenho uma grande admiração por ele. Com o pouco que convivi com ele e venho convivendo, eu venho aprendendo muito. É uma pessoa de grande conhecimento né, tradicional. Ele é uma pessoa de conhecimento muito profundo em relação à convivência em sociedade também. Então aqui quero deixar minha profunda admiração e meu respeito também. Aqui estão as minhas reflexões sobre esse guerreiro, Cacique Guaru Pataxó.